



ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 281 - Maio 2025



*O sacerdócio:
missão de ser um outro Cristo*



RECONQUISTA
FORMAÇÃO CATÓLICA

CURSO ON-LINE DE

Latim

Patrimônio cultural da Igreja Católica, o latim, além de **língua própria à nossa Fé**, é veículo para o conhecimento de uma literatura que forma a tradição católica e a cultura ocidental. Múltiplas orações, toda a Liturgia do rito romano e as obras das disciplinas eclesiásticas, como a Teologia, foram escritas originalmente em latim. **Por isso, a compreensão básica dessa língua é tão importante para a cultura e a religião.**

Pensando nisso, a plataforma de formação on-line dos Arautos do Evangelho desenvolveu este curso. Ministrado pela **Ir. Mariana de Oliveira** e composto de dois módulos, ele é a oportunidade perfeita para aqueles que desejam aprender a teoria e a prática da língua que, durante séculos, foi utilizada por grandes Santos e Doutores católicos.



Acesse já e inscreva-se!
WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG



ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS ARAUTOS
ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS



TRANSMISSÃO DA SANTA MISSA
DIARIAMENTE ÀS 19H (HORÁRIO DE BRASÍLIA)

ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXIV, nº 281, Maio 2025

ISSN 1982-3193

Revista de cultura e inspiração católica publicada por:
Associação Brasileira Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação

Assinante (anual): R\$ 285,00 únicos

Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benefitário..... R\$ 50,00 mensais
Grande Beneficiário R\$ 60,00 mensais

Exemplar avulso R\$ 24,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.

Av. Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

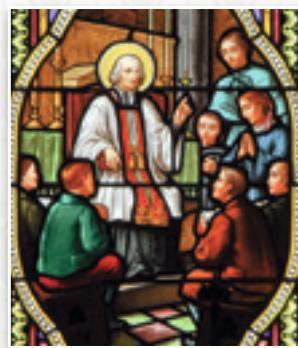
SUMÁRIO

⇒ PERGUNTAM OS LEITORES	4
⇒ EDITORIAL	
Sacerdote: tudo e nada	5
⇒ A VOZ DOS PAPAS	
Mediador entre Deus e os homens	6
⇒ A LITURGIA DOMINICAL	
Pedro, o verdadeiro pastor	8
Ovelhas ou poeira dos pés?	9
Vazios de si mesmos, cheios de Deus	10
Como alcançar a felicidade?	11
⇒ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Total doação à Santa Igreja	12
⇒ TEMA DO MÊS – SACERDÓCIO	
São João Maria Vianney, modelo dos sacerdotes – “Depois de Deus, o sacerdote é tudo!”	16
O sacerdócio, antes e depois de Cristo	20
⇒ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Entre a vulnerabilidade humana e a força divina	24
⇒ ENSINAMENTOS BÍBLICOS	
A purificação do altar por Judas Macabeu – Em função do altar	28
⇒ SÃO TOMÁS ENSINA	
Tem valor a Missa de um mau sacerdote?	31
⇒ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Pe. Walter Joseph Ciszek, SJ – Abandono completo à vontade divina	32
⇒ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Todos somos sacerdotes?	35
⇒ VIDA DOS SANTOS	
São John Houghton – Pela Santa Igreja, estou pronto a sofrer	36
⇒ DONA LUCILIA	
Derradeiros atos de piedade	40
⇒ ARAUTOS NO MUNDO	
Como a palmeira, eles florescerão!	42
⇒ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
Como a palmeira, eles florescerão!	46
⇒ VOCÊ SABIA...	
Moral... manipulada?	49
⇒ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Moral... manipulada?	50



Santiago Viejo

12 Itinerário de um chamado ao sacerdócio



Dario Iallorrenzi

16 O segredo do mais bem-sucedido dos párocos



Santiago Viejo

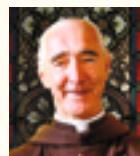
31 O valor da Missa depende de quem a celebra?



Freepik

46 Lições das palmeiras para sua vida espiritual

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



✉ Pe. Ricardo José Basso, EP

Qual a importância do latim para a Igreja?

Willian Silva Torres – Coronel Fabriciano (MG)

Segundo uma bela expressão do Magistério Pontifício, a língua latina é “como a veste áurea da sabedoria”; ela apresenta “um estilo conciso, variado, harmonioso, cheio de majestade e dignidade, que contribui de modo singular para a clareza e a solenidade” (SÃO JOÃO XXIII. *Veterum Sapientia*).

A vastidão e estrutura do Império Romano, cujo idioma oficial era o latim, facilitaram a expansão da verdade ensinada por Nossa Senhor Jesus Cristo, apesar das duras perseguições promovidas pelos césares. Embora o hebraico e o grego conservassem importante papel na Santa Igreja, o latim foi cada vez mais se revestindo de oficialidade, pelo fato de estar em Roma a Cátedra de Pedro, o infalível Vigário de Cristo. Assim, podemos afirmar ter sido esta a língua que o próprio Homem-Deus escolheu para sua Esposa Mística, através de caminhos providenciais.

Os cânticos gregorianos elevam ao Céu suas sublimes melodias em latim. Os documentos pontifícios, o *Catecismo*

e o *Código de Direito Canônico* têm sua versão oficial na língua latina. E foi nessa língua que grandes luzeiros da Igreja – como Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino – iluminaram os séculos com seus ensinamentos.

Ademais, o latim é um valioso instrumento para a unidade da Igreja, como afirmou Pio XI: “A Igreja, por abraçar em seu seio todas as nações e estar destinada a permanecer até o fim dos séculos [...], exige por sua própria natureza uma língua universal, imutável e invulgar” (*Officiorum Omnium*). Em 2012 o Papa Bento XVI criou a Pontifícia Academia de Latinidade, com o objetivo de promover um maior conhecimento da língua latina “quer no âmbito eclesial, quer no mais vasto mundo da cultura” (*Latina lingua*, n.4).

Pode-se afirmar sem receio ser o latim para a Santa Igreja tão importante como a nossa língua materna, ou seja, é por meio dela que a Esposa de Cristo formula com mais clareza, beleza e esplendor sua doutrina salvífica.

Diz o Gênesis que os patriarcas, até Noé, viviam muitos séculos! Como interpretar isso?

Taffarel Bezerra Lopes – Via e-mail

Antes de tudo, devemos nos acautelar contra a mentalidade pragmática, com laivos de ateísmo, que afirma ou insinua ser mito ou mera lenda tudo aquilo que excede a capacidade intelectiva humana. Imbuídos dessa mentalidade, os autores racionalistas negam unanimemente a interpretação literal dos textos bíblicos relativos à idade dos primeiros patriarcas.

Entretanto, comentadores de grande peso, como São Jerônimo (cf. *Liber hebraicarum quæstionum in Genesim*, c.5-6) no século V e São João Bosco (cf. *História Sagrada*. Primeira época, c.4) no século XIX, assumem a interpretação literal tanto da longevidade de homens como Adão ou Matusalém, como do trecho em que Deus determina que a vida humana não passaria – salvo raras exceções – dos cento e vinte anos (cf. Gn 6, 3).

Contudo, há também uma interpretação simbólica e moral – que se harmoniza com a literal – aceita pela maioria dos comentaristas. No Antigo Testamento, a vida longa

significava uma especial predileção de Deus. Assim, a longevidade dos grandes personagens pré-diluvianos simbolizava a bênção divina que pairava sobre eles, transmitida de geração em geração até Noé. Seguindo a mesma lógica, ao se afastarem os homens das vias da virtude, pelo pecado, a bênção se retirou progressivamente, diminuindo em consequência seu tempo de vida.

Em resumo: qual interpretação devemos aceitar? A Santa Igreja nunca se pronunciou de modo solene e definitivo sobre a necessidade da interpretação literal desse trecho das Escrituras. Mas nada impede que os patriarcas tenham vivido séculos, pois “para Deus nada é impossível” (Lc 1, 37).

Acima de tudo, nossa preocupação deve ser outra: como estou me preparando para a vida eterna, em comparação com a qual mil anos é apenas um piscar de olhos? Que Nossa Senhora nos ajude a seguir sempre o caminho das bênçãos de Deus, as quais nos darão forças nesta vida e alegria sem fim na outra.

SACERDOTE: TUDO E NADA

Nos últimos anos, muito se tem falado de “crise sacerdotal”. Contudo, ao contrário das aparências, ela não começou agora; sua ignição deu-se com um Apóstolo: Judas Iscariotes. Depois dele, uma erupção de traidores – Ário, Nestório, Hus e uma longa caterva – procurou se encrustar na Rocha de Pedro, sem sucesso.

Seguiram-se as revoluções. A Revolução Protestante, pelo livre-exame e pela destruição da hierarquia, no fundo proclamou que “todos” são sacerdotes. A Revolução Francesa, com seu anticlericalismo, levantou-se como uma espécie de sacerdotisa, cujas semideusas seriam a “razão” e a “liberdade”, entre outras. Já a Revolução Comunista, rebaixou a figura sacerdotal por meio da luta de classes, de modo que os padres haveriam de se identificar com a própria realidade de ação: seriam eles sacerdotes-operários, sacerdotes-indígenas, etc.

Nos últimos anos, acentuou-se a mencionada diminuição de vocações, aliada ao que se denominou “clericalismo”. É inegável a enorme demanda por sacerdotes em todos os quadrantes. Sem embargo, mais do que sacerdotes, a sociedade precisa de bons sacerdotes. O mundo pode até sobreviver com alguns profissionais mediocres, mas não o pode com presbíteros medíocres.

A razão está em que participar do sacerdócio de Nosso Senhor não consiste numa vocação qualquer, porque é Cristo que chama – *vocat* – o candidato para ser outro Ele mesmo – *alter Christus* –; não consiste numa missão qualquer, porque é o próprio Cristo que atua naquele que a recebe. Por isso, ser padre não é uma *profissão* ou *função*, mas simplesmente *ser Cristo*.

São Tomás de Aquino (cf. *Suma Teológica*. III, q.63, a.3) comenta que o caráter impresso pela ordenação é o próprio Cristo – *ipse Christus*. O sacerdote é Cristo, só que por participação. Assim, em virtude da ordenação ele continua sacerdote em toda e qualquer circunstância, e não apenas quando serve de causa instrumental para administrar os Sacramentos, ocasião em que atua mais propriamente na pessoa de Cristo – *in persona Christi*.

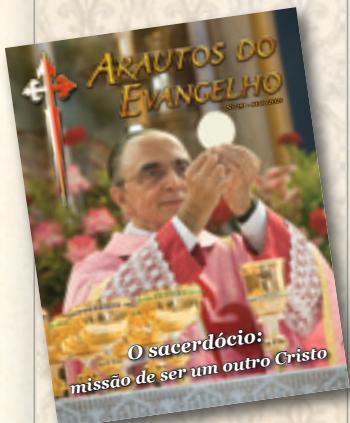
Em tudo o que o presbítero faz, é Cristo que o realiza nele: o seu próprio viver é Cristo (cf. Fl 1, 21). Nem sequer o pecado pode apagar esse caráter, embora ele possa ser maculado pelas más ações, o que constitui, em rigor, um pecado de sacrilégio.

Vale ainda observar que o Sumo e Eterno Sacerdote não fundou simplesmente uma nova religião, mas uma nova *forma de vida* (cf. At 5, 20). Era preciso não mais agir como os fariseus (cf. Mt 23, 2-3) ou como os pagãos (cf. Mt 6, 7), mas como cristãos, em sua plenitude.

Nessa perspectiva, apontou o Concílio de Trento: “Nada há que mais assiduamente incite à piedade e ao culto de Deus que a vida e o exemplo daqueles que se entregaram ao divino ministério” (*Sessão XXII. Decreto sobre a reforma*, c.1).

Assim, os gestos, as palavras e as atitudes de um ministro consagrado precisam se espelhar nos de Cristo. O fundador dos Arautos, Mons. João, costumava se perguntar em diversas circunstâncias: “O que faria Nosso Senhor nesta situação?” Pois bem, esta deve ser a indagação constante de um sacerdote em suas ações.

São João Maria Vianney, cujo centenário de canonização comemoramos neste mês, afirmou: “O sacerdote é tudo”. Entretanto, ele é também “nada”, porque seu ministério será tanto mais frutífero quanto mais faça Jesus Cristo crescer e a si mesmo diminuir (cf. Jo 3, 30). O sacerdote é *tudo* quando diz “este é o meu Corpo”; é *nada* quando se ajoelha humildemente após a consagração das Espécies Eucarísticas. ♣



Mons. João
Scognamiglio Clá
Dias, EP, celebra
a Santa Missa
na Basílica de
Nossa Senhora
do Rosário, em
14/3/2010

Foto: Sérgio Miyazaki



Mediador entre Deus e os homens

A Igreja tem necessidade de sacerdotes santos.

O sacerdote deve reproduzir na sua alma tudo quanto se produz sobre o altar. Como Jesus Se imola a Si mesmo, assim o seu ministro deve imolar-se com Ele.

INSTITUÍDO, EM FAVOR DOS HOMENS, NAS COISAS DE DEUS

O gênero humano sempre experimentou a necessidade de ter sacerdotes, ou seja, homens que pela missão oficial a eles confiada fossem mediadores entre Deus e os homens e que, consagrados por inteiro a essa mediação, fizessem dela a ocupação de toda a sua vida. [...]

O sacerdote, segundo a magnífica definição que sobre ele dá o próprio São Paulo, é sim um homem tomado entre os homens, mas instituído, em favor dos homens, nas coisas de Deus (cf. Hb 5, 1). Sua missão não tem por objeto as coisas humanas e transitórias, por mais altas e importantes que pareçam, mas as coisas divinas e eternas; coisas que por ignorância podem ser objeto de desprezo e de burla, e por vezes até podem ser combatidas com malícia e furor diabólico – como uma triste experiência o demonstrou muitas vezes e segue demonstrando –, mas que ocupam sempre o primeiro lugar nas aspirações individuais e sociais da humanidade, desta humanidade que sente irresistivelmente que foi criada para Deus e que não pode descansar senão n'Ele.

Excertos de PIO XI.
Ad catholici sacerdotii, 20/12/1935

REPRESENTANTE DE JESUS CRISTO RESSUSCITADO

O sacerdote representa Cristo. O que quer dizer, o que significa “representar” alguém? Na linguagem comum, quer dizer – geralmente – receber uma delegação de uma pessoa para estar presente no seu lugar, falar e agir no seu lugar, porque quem é representado está ausente da ação concreta. Perguntamo-nos: o sacerdote representa o Senhor do mesmo modo? A resposta é não, porque na Igreja Cristo nunca está ausente, a Igreja é o seu Corpo vivo e a Cabeça da Igreja é Ele, presente e em ação nela. [...]

Portanto, o sacerdote que age *in persona Christi Capitis* e em representação do Senhor, nunca age em nome de um ausente, mas na própria Pessoa de Cristo ressuscitado, que Se torna presente com a sua ação realmente eficaz.

Excertos de BENTO XVI.
Audiência geral, 14/4/2010

INTERPOSTO ENTRE DEUS E OS HOMENS

Quem pode narrar os castigos que a oração sacerdotal aparta da humanidade prevaricadora e os benefícios que para ela pede e obtém? [...]

O cristão, por sua parte, embora com muita frequência se esqueça de Deus na

prosperidade, [...] em todos os perigos públicos e privados recorre com grande confiança à oração do sacerdote. A ela pedem remédio os desgraçados de toda espécie; a ela se recorre para implorar o socorro divino em todas as vicissitudes deste exílio terreno. Verdadeiramente, o sacerdote está interposto entre Deus e a linhagem humana: de uma parte, nos traz os benefícios de Deus; de outra, apresenta a Ele nossas orações, apaziguando o Senhor irado.

Excertos de PIO XI.
Ad catholici sacerdotii, 20/12/1935

DEVER DE CONHECER E ENSINAR A VERDADEIRA DOUTRINA...

O sacerdote deve ter pleno conhecimento da doutrina da Fé e da moral católica, deve saber ensiná-la aos fiéis e a dar-lhes razão dos dogmas, das leis e do culto da Igreja de que é ministro; deve dissipar as trevas da ignorância que, apesar dos progressos da ciência profana, envolvem o espírito de tantos de nossos contemporâneos em matéria de religião. [...]

À alma moderna que procura ansiosamente a verdade, deve saber mostrá-la com serena franqueza; aos vacilantes, agitados pela dúvida, deve inspirar coragem e confiança, guiando-os com imperturbável firmeza ao porto



seguro da Fé, para que seja abraçada com pleno conhecimento e com firme adesão; aos assaltos do erro insolente e obstinado, deve saber opor uma resistência enérgica e vigorosa, mas ao mesmo tempo serena e bem fundamentada.

Excertos de PIO XI.
Ad catholici sacerdotii,
20/12/1935

...E NÃO IDEIAS PRÓPRIAS

O sacerdote não ensina as próprias ideias, uma filosofia que ele mesmo inventou, encontrou ou que gosta; o sacerdote não fala de si mesmo, não fala por si mesmo, talvez para criar admiradores ou um partido próprio; não diz coisas próprias, invenções suas, mas, na confusão de todas as filosofias, o sacerdote ensina em nome de Cristo presente, propõe a verdade que é o próprio Cristo, a sua palavra, o seu modo de viver e de ir em frente.

Excerto de BENTO XVI.
Audiência geral, 14/4/2010

NADA FAZ SOFRER TANTO A IGREJA QUANTO O PECADO DE SEUS PASTORES

Como esquecer, a este propósito, que nada faz sofrer tanto a Igreja, Corpo de Cristo, como os pecados dos seus pastores, sobretudo daqueles que se transformam em “ladrões de ovelhas” (cf. Jo 10, 1), porque as desviam com as suas doutrinas particulares, ou porque as prendem com laços de pecado e de morte? [...]

A Igreja tem necessidade de sacerdotes santos; de ministros que ajudem os fiéis a experimentar o amor misericordioso do Senhor e sejam suas testemunhas convictas.

Excerto de BENTO XVI.
Homilia, 19/6/2009

João Paulo Rodrigues



Só depois de se tornar um com Cristo, o sacerdote levará aos homens a vida e a luz de Deus

Missa na Basílica de Nossa Senhora do Rosário - Caieiras (SP)

PERIGO DE DESCUIDAR DA PRÓPRIA SANTIFICAÇÃO

Seria um gravíssimo e perigosíssimo erro se o sacerdote, deixando-se levar por um falso zelo, descuidasse a própria santificação ao engolhar-se todo nas ocupações exteriores, por melhores que sejam, do ministério sacerdotal. Procedendo assim, não só poria em perigo a própria salvação eterna, [...] como se exporia também a perder, senão a graça divina, ao menos aquela unção do Espírito Santo que confere tão admirável força e eficácia ao apostolado exterior.

Excertos de PIO XI.
Ad catholici sacerdotii, 20/12/1935

“VIGIAI E ORAI”

Não confie o sacerdote em suas próprias forças, nem se deslumbe com seus próprios dotes, não procure a estima e os louvores dos homens, não aspire a cargos elevados, mas imite

a Cristo, o qual não veio “para ser servido, mas para servir” (Mt 20, 28); e renuncie a si mesmo, consoante o ensinamento do Evangelho (cf. Mt 16, 24), apartando o espírito das coisas terrenas para seguir mais livremente o Mestre Divino. [...]

Sim, diletos filhos, vigiai, porque a castidade sacerdotal está exposta a muitos perigos, seja pela dissolução dos costumes públicos, seja pelas atrações do vício, tão frequentes e insidiosas, seja, afinal, pela excessiva liberdade que cada vez mais se introduz nas relações entre os dois sexos e também tenta penetrar no exercício do sagrado ministério. “Vigiai e orai” (Mc 14, 38), sempre lembrados de que vossas mãos tocam as coisas mais santas e estais consagrados a Deus e a Ele só deveis servir.

Excertos de PIO XII.
Menti nostrae, 23/9/1950

A ALMA DE UM SACERDOTE DEVE TER CONTINUIDADE COM O ALTAR

O sacerdote deve, portanto, esforçar-se por reproduzir na sua alma tudo quanto se produz sobre o altar. Como Jesus Se imola a Si mesmo, assim o seu ministro deve imolar-se com Ele; como Jesus expia os pecados dos homens, assim ele, seguindo o árduo caminho da ascética cristã, deve alcançar a própria e a alheia purificação. [...]

Só depois que nos tornarmos uma só coisa com Cristo, mediante a sua e a nossa oblação, e houvermos elevado a nossa voz com os coros dos habitantes da celeste Jerusalém, [...] fortalecidos pela virtude do Salvador, poderemos com segurança descer da montanha da santidade que houvermos galgado, para levar a todos os homens a vida e a luz de Deus pelo ministério sacerdotal.

Excertos de PIO XII.
Menti nostrae, 23/9/1950

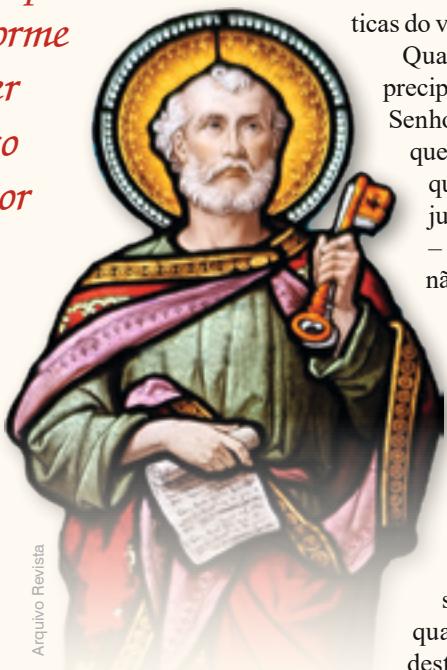


Pedro, o verdadeiro pastor



✉ Pe. Ignacio Montojo Magro, EP

Em breves linhas o Evangelho traça, na pessoa de São Pedro, as características do pastor conforme o quer Nossa Senhora



Arquivo Revista

São Pedro - Igreja a ele dedicada em Lisieux (França)

Ao meditarmos sobre a terceira aparição do Ressuscitado narrada no Evangelho deste domingo (Jo 21, 1-19), destaca-se por seu comportamento diante de Nosso Senhor a figura de São Pedro.

Com seu característico temperamento fogoso, Simão é o primeiro a se lançar na água ao encontro do Divino Mestre, que os aguarda na praia; é quem corre até a rede para levar os peixes pedidos por Ele; é aquele que repara, com três atos de amor, a defecção havida na noite da Paixão (cf. Jo 18, 15.25-27); é, por fim, o pastor confirmado no cuidado do rebanho e que selará seu primado pelo martírio profetizado por Jesus.

Cada um desses momentos da singela mas sublime narração revela, mesmo no contexto anterior a Pentecostes, algumas das características do verdadeiro pastor de almas.

Quando o primeiro Papa se precipita na água e nada até “o Senhor” (Jo 21, 7), mostra-nos que é preciso enfrentar quaisquer obstáculos para estar junto ao Redentor, inclusive – ou sobretudo! – se ainda não somos perfeitos.

Ao se apressar em retirar a rede do barco para apanhar alguns peixes conforme o pedido de Jesus, manifesta que o pastor, mesmo tendo a missão de governar o rebanho, deve estar sempre numa atitude de serviço tanto às ovelhas quanto ao Supremo Dono destas.

No momento em que repara sua tríplice negação diante

dos outros Apóstolos, evidencia o quanto são inadmissíveis na pessoa do guia das almas atitudes ou palavras dúbias que possam gerar confusão entre os fiéis. O amor deve ser proclamado à luz do dia, de forma definida! E, se houve erros que escandalizaram, cabe uma retratação também pública.

A oportunidade dessas atitudes é sublinhada pelo Divino Pastor quando, confirmando Pedro por três vezes na função de apascentar o rebanho, usa as expressões: “Apascenta os meus cordeiros” e “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 15-16). Cada membro do Corpo Místico de Cristo pertence a Nosso Senhor. O Papa é seu representante, mas não o dono do redil; é seu vigário, mas deverá render severas contas da própria administração.

Ora, como podemos discernir nos pastores seu grau de fidelidade? A primeira leitura (At 5, 27b-32.40b-41) mostra São Pedro transformado pelo Paráclito e reconhecendo em si sua ação: “Somos testemunhas, nós e o Espírito Santo” (At 5, 32). E o sinal de que ele de fato O possui é a obediência à missão divina de pregar o Evangelho, mesmo sendo necessário enfrentar o mundo inteiro. Este – com seus falsos profetas, que ensinam o erro – procura silenciar a verdade e persegue aqueles que têm o selo do dom de Deus.

Mais. O pastor, quando é autêntico, deve levar sua dedicação até o extremo, portando consigo o cajado da cruz. Disposto a transpor os limites do heroísmo, tem sempre diante de si a perspectiva de entregar a própria vida pelas ovelhas por meio do martírio, se – que glória! – assim Deus o determinar. Nesse sentido, que testemunho daria o primeiro Papa de ser não um mercenário, mas um verdadeiro discípulo do Senhor do rebanho, conforme Jesus profetiza no Evangelho deste domingo!

Rezemos para que Deus nos envie pastores segundo o seu Coração e nos dê a acuidade evangélica para discernir os verdadeiros dos falsos. ♣

Ovelhas ou poeira dos pés?



Pe. Hernán Luis Cosp Bareiro, EP

A pesar de estarmos envoltos num mundo cada vez mais caótico, a Providência nunca deixa de manifestar sua luz aos homens e às nações, como fica claro na primeira leitura deste domingo (At 13, 14.43-52). São Paulo e São Barnabé são enviados a pregar para povos distantes o maior acontecimento da História: a Encarnação, Vida, Paixão e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, fatos que não podiam passar despercebidos posto que Deus “quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (I Tim 2, 4).

Ludibriados pela confusão reinante, muitas vezes somos levados a pensar que essa luz pode se manifestar de maneiras diversas. Contudo, o lugar por excelência e com exclusividade onde ela reflete é a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, farol que o Divino Mestre acendeu para nunca mais se apagar.

De fato, Nosso Senhor fundou sua Igreja para perpetuar através dos tempos a obra salvífica que Ele iniciou no supremo holocausto da Cruz. E quis, desde o primeiro instante, que essa salvação se estendesse a “todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7, 9).

As diversas leituras da Liturgia de hoje nos ensinam que, perante essa luz, só existem duas reações: seguir, como fizeram os fiéis que ouviram e aderiram a São Paulo e a São Barnabé; ou rejeitar, como aqueles que, cheios de inveja, promoveram uma perseguição contra o Apóstolo, ou seja, contra a verdadeira Igreja que estava nascendo.

No Evangelho, Nosso Senhor chama os primeiros de ovelhas porque escutam sua voz; o Bom Pastor os conhece, e eles O seguem (cf. Jo 10, 27). Para

estes, Ele oferece o penhor da vida eterna, pois ninguém os arrancará de suas mãos divinas (cf. Jo 10, 28). E na segunda leitura Deus promete que “os abrigará na sua tenda” (Ap 7, 15).

Os que rejeitam, porém, tornam-se indignos da vida eterna (cf. At 13, 46) e recebem um sinal de maldição dos representantes de Deus: “Os Apóstolos sacudiram contra eles a poeira dos pés” (At 13, 51).

Aproveitemos para refletir em qual das duas categorias nos encaixamos perante a luz: somos “ovelhas” ou “poeira dos pés”?

A ovelha frequenta os Sacramentos da Eucaristia e da Penitência, põe em prática os conselhos ouvidos num bom sermão, afasta-se das ocasiões próximas de pecado, não dá escândalo – que é um mal na essência ou na aparência, e pode levar alguém a pecar – e reza com assiduidade e fervor.

Ante tais exigências, muitos relativistas quiçá objetem: “Eu não roubo e nunca matei ninguém”, julgando que isso os exonera de cumprir as outras prescrições do Decálogo. Entretanto, basta desprezar qualquer Mandamento para se rejeitar a luz, posto que não é possível praticar estavelmente um deles enquanto se calca aos meus pés os demais...

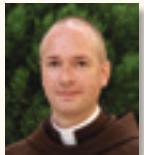
Se desprezo a vida eterna e a condição de ovelha, significa que estou muito avançado num processo de rejeição a Deus e que meu desprezo, na realidade, me levará a ser desprezado por Ele como poeira que se apega a seus divinos pés. ♣

A luz para encontrar a verdade nunca nos falta... Diante do convite a segui-la, qual caminho tomaremos?



Vazios de si mesmos, cheios de Deus

✠ Pe. Marcelo Javier Pérez Wheelock, EP



Para cumprirmos plenamente a nova lei do amor, uma atitude radical nos é exigida: que nos esvaziemos de nós mesmos

AIgreja, desde seu nascedouro, aprendeu dos lábios do Divino Mestre a formular a súplica contida no Pai-Nosso: “Venha a nós o vosso Reino” (Mt 6, 10). São João, no trecho do livro do Apocalipse que a Liturgia apresenta neste domingo, vislumbra a plenitude desse Reino ao declarar que viu “um novo Céu e uma nova terra [...], a nova Jerusalém, que descia do Céu” (Ap 21, 1-2), onde haverá um convívio ininterrupto com o Altíssimo, pois será “a morada de Deus entre os homens. Deus vai morar no meio deles” (Ap 21, 3).

Ao longo de sua vida pública, Nosso Senhor anunciou a chegada desse Reino e confirmou suas palavras com inúmeros milagres. O Evangelho deste domingo nos mostra o cuidado e carinho que, ao cabo de três anos, Jesus teve para com seus Apóstolos quando, prestes a começar sua *via crucis*, indicou-lhes o meio pelo qual seu Reino deveria se estabelecer sobre a terra, dando-lhes “um novo mandamento: amai-vos uns aos outros” (Jo, 13, 34a).

Se bem que a Antiga Lei já ordenasse o amor ao próximo, a novidade desse preceito está no modo de praticá-lo. Enquanto Moisés ensinava a amar o próximo “como a si mesmo” (cf. Lv 19, 18), na nova Lei do amor Jesus indica: “Como Eu vos amei” (Jo 13, 34b). Trata-se, portanto, de amar o próximo da mesma forma que Deus o ama!

São Paulo, na sua Primeira Carta aos Coríntios, descreve de modo muito eloquente o amor cristão: deve ser sobretudo sofredor, pois “tudo desculpa,

Detalhe de “Casamento em Caná”, por Hieronymus Francken III



tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (13, 7). E dele nos dá exemplo máximo Nossa Senhor em sua Paixão, ao Se entregar por nós na Cruz. Por isso advertem o Apóstolo das Gentes e São Barnabé na primeira leitura deste domingo: “É preciso que passemos por muitos sofrimentos para entrar no Reino de Deus” (At 14, 22b). Eles se referem aos padecimentos que nascem como fruto da verdadeira caridade, imitando assim o amor de Jesus Cristo.

Ora, para possuir esse amor de Deus plenamente em nós é necessário tomar uma atitude radical: o esvaziamento de si mesmo. O Evangelho do dia nos oferece um pormenor importante a esse respeito: “Depois que Judas saiu do Cenáculo disse Jesus: ‘Agora foi glorificado o Filho do Homem’” (Jo 13, 31).

Comentando esta frase, Santo Agostinho afirma: “Saiu Judas e foi glorificado Jesus; saiu o filho da perdição e foi glorificado o Filho do Homem. [...] Tendo saído o imundo, ficaram todos puros e permaneceram com o seu Purificador”.¹ Essa “purificação” que se deu no âmbito coletivo dos Apóstolos deve acontecer de forma individual no interior de cada um de nós. Por isso o Bispo de Hipona aconselha: “Vais ficar repleto de bem, esvazia-te do mal. Imagina que Deus te quer encher de mel. Se estás cheio de vinagre, onde pôr o mel? É preciso jogar fora o conteúdo do jarro e limpá-lo, ainda que com esforço, esfregando-o, para servir a outro fim”.²

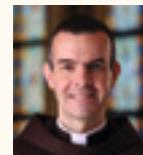
Esforcemo-nos, pois, em arrancar de nós todo egoísmo, orgulho e raiz de iniquidade, para vivermos com perfeição o preceito do amor e assim fazermos com que o Senhor habite no meio de nós. “Deus é amor; e quem está no amor está em Deus, e Deus nele” (I Jo 4, 16). ♣

¹ SANTO AGOSTINHO. *In Ioannis Evangelium*. Tractatus LXIII, n.2.

² SANTO AGOSTINHO. *In Epistolam Ioannis ad Parthos*. Tractatus IV, n.6.



Como alcançar a felicidade?



✉ Pe. Leandro Cesar Ribeiro, EP

Se precisássemos definir a Deus em uma só palavra, certamente esta seria *Amor*. “Deus é Amor” (I Jo 4, 8), nos ensina o Apóstolo São João. O amor faz parte da essência divina, o amor move o convívio entre as Três Pessoas da Santíssima Trindade, o amor levou o Criador a realizar sua obra; enfim, é o amor do Todo Poderoso que governa a História. Deus realiza tudo em função de seu infinito amor e, sem o amor, Ele nada faz.

Esse amor de Deus é um dos aspectos que mais transparece no Evangelho do 6º Domingo da Páscoa (Jo 14, 23-29). Nossa Senhora declara: “Se alguém Me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará, e Nós viremos e faremos nele a nossa morada” (Jo 14, 23). Trata-se de uma afirmação ousada, pois Jesus assevera que Deus habitará, não só junto, mas no interior de quem O ama. E, se isso não bastasse, Ele promete enviar aos Apóstolos o próprio Espírito Santo, Amor substancial que une o Pai e o Filho. Poderia haver maior prova de seu amor para com os homens?

Infelizmente costumamos compreender de forma equivocada esse amor, julgando que a prova da afeição de Deus por nós consiste em Ele nos dar tudo aquilo de que precisamos, nos oferecer toda espécie de felicidade, atender nossos menores caprichos. Mas a verdade é bem o contrário. Quanto mais o Senhor nos ama, mais nos envia sofrimentos. Se Ele nos proporcionasse uma vida na qual só houvesse alegrias, perderíamos inúmeras ocasiões de conquistar méritos com vistas ao Céu e raramente nos lembraríamos de olhar para o Alto.

Pdpics (CC by-sa 3.0)



Sagrado Coração de Jesus

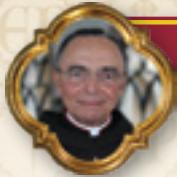
Houve homem mais amado por Deus do que Nossa Senhor Jesus Cristo na sua natureza humana? E qual foi o maior presente dado a Ele pelo Pai? A Cruz. Houve mulher mais amada por Deus do que aquela escolhida por Ele como Mãe, Maria Santíssima? E qual foi o presente dado a Ela pelo Pai? Acompanhar a Morte atroz de seu Divino Filho, sofrendo com Ele e misturando as próprias lágrimas ao seu Preciosíssimo Sangue. E assim acontece com o restante da humanidade.

Ora, quando a pessoa perde essa visão sobrenatural do sofrimento e passa a julgar os acontecimentos com olhos materialistas, portanto, fora da perspectiva de Deus, a realidade que a cerca acaba perdendo o sentido, tudo parece inexplicável e os revezes se apresentam como verdadeiras tragédias.

O mundo de hoje, infelizmente, cada vez mais se esquece do amor de Deus e, em consequência, procura a felicidade numa vida isenta de sofrimentos. A busca constante de prazeres e de comodidades tornou-se a nota tônica da sociedade contemporânea. Olvida-se o homem de que quanto mais se foge do sofrimento, mais se sofre.

O segredo para se alcançar a felicidade está em aceitar nossas cruzes de cada dia. Agindo assim, provamos o amor que temos a Deus e retribuímos o amor d'Ele por nós. ♣

*No sofrimento
aceito
com amor
encontra-se o
segredo para
se alcançar
a felicidade
nesta terra
e a glória na
eternidade*



Total doação à Santa Igreja

No próximo mês completar-se-ão vinte anos da ordenação sacerdotal de Mons. João, chamado iniciado nos primeiros vagidos da consciência e que o atraiu cada vez mais, até ser ele arrebatado pelo forte anelo de se consumir como uma hóstia a serviço de Jesus, para a santificação das almas.

℟ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Costuma-se dizer em Teologia que a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa.¹ Há, com efeito, um fenômeno curioso nos campos natural e sobrenatural: geralmente o ser humano é criado por Deus com umas tantas aptidões que constituem uma forma já pronta para receber a graça que Ele mesmo dará mais tarde, de modo que a alma esteja predisposta a andar no rumo designado pela Providência.

No caso concreto de minha vocação sacerdotal, é preciso considerar dois períodos: um implícito, no qual o chamado existia, mas estava adormecido; e depois o momento em que ele se tornou explícito.

A fase implícita começou logo nos primeiros lampejos de minha consciência. Sendo filho único, eu ficava isolado, observando e filosofando... Atraía-me muito a bela harmonia existente entre as estrelas do céu, a ponto de passar horas e horas à noite, enquanto todos dormiam, a contemplá-las. De outro lado, as características fisionômicas e temperamentais das pessoas circunstantes chamavam-me muito a atenção. Saber como são os outros, suas tendências e propensões, seus gostos e apetências, o que pensam ou como reagem, e correlacionar isso com o timbre de voz, os olhares,

a implantação do cabelo na testa, ou a ausência deste, os tipos de nariz, os lábios grossos, finos ou médios, o queixo, as mãos, o caminhar, entretenha-me sobremaneira.

A análise era incansável e deu-me um senso psicológico muito aguçado, criando em minha alma um hábito talvez até já pré-existente enquanto gêmeo da sindereza da inteligência e da vontade. Eram os movimentos iniciais de uma forte inclinação natural – colocada pela Providência com vistas ao sacerdócio – para conhecer o fundo das almas, a fim de auxiliá-las em suas deficiências e necessidades.

Admiração pela Igreja Católica e seus ministros

A par disso, eu alcancei um período em que as cerimônias litúrgicas ainda se celebravam com muito esplendor, de maneira que minhas primeiras admirações foram com a Igreja!

Lembro-me perfeitamente de, com cinco anos de idade, ser levado pelas mãos de um parente à Capela de Nossa Senhora das Dores, dos padres Servos de Maria – situada mais ou menos a uns quatro quarteirões de minha casa – no Bairro Ipiranga, em São Paulo.

Era noite, em torno das sete e meia, e a capela estava cheíssima – em geral

senhoras, todas ajoelhadas e com véu negro como se usava naquele tempo, e alguns poucos senhores. Eu entrei justamente na hora em que terminava o cântico do *Tantum Ergo*, estabelecendo-se um silêncio absoluto no recinto. O padre se dirigia para dar a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Caí de joelhos e pensei: “Eu não vou abaixar a cabeça como todos, porque quero ver o que está acontecendo aqui”.

O sacerdote elevou a custódia e traçou uma enorme cruz, solene e pausada; as campainhas começaram a tocar e todos se persignaram. Eu fiquei com os olhos presos no Santíssimo Sacramento. Como ainda era criança, nunca me tinham dito nada a respeito da Eucaristia. Não sabia o que era um ostensório, nem entendia bem o que era um padre, mas senti uma fortíssima consolação interior e concluí que ali estava o centro do universo, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, Deus!

Esse desejo de Deus foi tão real e profundo que, mais tarde, quando vim a estudar no colégio e me preparei para a Primeira Comunhão, apaixonei-me pelas aulas de religião! Os professores, que as ministriavam com muito esmero, eram os mesmos padres servitas, e eu os tinha como

santos, pois me parecia que todo clérigo deveria ser perfeito. Eles contavam histórias de Santos e fatos sobrenaturais que me encantavam e faziam bem, a ponto de tais princípios e ensinamentos ficarem reboando no meu interior da manhã até à noite, porque para mim eram vida!

Amargas e dramáticas decepções

Entretanto, a maturidade, os aspectos graves, consequentes e sérios da vida vieram a atravessar minha existência pouco antes do entardecer da infância.

Ao deparar-me com os efeitos do pecado original no processo humano, o trauma daí resultante foi amargo, dramático e bem decepcionante... Sobretudo quando, por causa do meu senso psicológico, percebi que certos personagens daquele clero que eu tanto admirava não correspondiam inteiramente ao padrão de santidade que lhes atribuíra, mas se deixavam arrastar pelo relativismo do tempo, até mesmo em matéria moral... Eu notava a insuficiência religiosa dessas pessoas, e sua consequente incapacidade para resolver os problemas do mundo. Eram como um fruto cuja bonita casca enganava, mas que estava peco por dentro.

Pela mesma época alguns primos mais velhos, que infelizmente haviam perdido a fé, sustentavam comigo discussões que me dilaceravam, defendendo a inexistência do inferno e que todas as pessoas se moviam apenas por interesse.

Eu era idealista e ao mesmo tempo radical. E quando a polêmica esbarrava nesse ponto, chocava meu senso de inocência: como na face da terra poderia reinar a lei do interesse? Não era possível! Tinha de haver gente que se entregasse por amor aos outros, para fazer o bem! Se retirassem

o idealismo do mundo, este se desintegraria; caso contrário, não dava vontade de viver...

Porém, tantas decepções serviram de estímulo a lançar-me com maior intensidade em busca do melhor equilíbrio entre criaturas e Criador. Eu tinha a ideia da necessidade de resistir contra o relativismo e um grande desejo de descobrir uma forma de perfeição moral que fosse o oposto disto e que venceria o mal. Uma certeza interior me dizia que devia existir alguém –



Reprodução

Antes mesmo de sair da infância, o pequeno João sentia o desejo de amparar seus amigos, a fim de encaminhá-los pelas vias da virtude

João em 1948

junto do qual havia outros, não muitos – que era inteiramente bom e em quem poderia confiar.

Então eu rezava pedindo a Nossa Senhora que viesse a encontrar essa pessoa, pois queria segui-la e formar um conjunto para fazermos o bem.

Assim, antes mesmo de eu sair da infância, quando apenas despontava a juventude, um empenho em amparar meus companheiros logo se me tornou explícito: arrebatava-me o zelo por todos os meus amigos, no sentido de servir-lhes de apoio para enveredarem nas trilhas da virtude, rumo à perfeição. Ardentemente desejava reverter, de algum modo, a harmonia sideral, contemplada em minhas longas noites de insônia, para o convívio social, acrescida de uma nota a mais: a harmonia do homem com o próprio Deus, a qual constituía uma verdadeira atenção única e principal no meu dia a dia.

Daí meu sonho de fundar uma associação honesta, reta, direita, para relacionar os jovens com Deus. Era, de fato, o sopro do Espírito Santo a entusiasmar-me pelo serviço dos outros, dentro dos sagrados muros da Santa Igreja.

O encontro com um varão de Deus

Alguns anos depois, assisti a uma exposição sobre o protestantismo e os desvios da vida e da mentalidade de Lutero. Numa concatenação lógica, o conferencista demonstrou que todas as heresias surgem da deturpação da verdade. Com o auxílio da graça, compreendi a solidez da Igreja e a unicidade da Fé Católica em relação aos outros cultos. Lembro-me de ter pensado: “Para que quero eu fundar uma sociedade? A sociedade verdadeira é a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo! A ela tenho de me entregar por inteiro!”

Sai dessa palestra com tão grande convicção da integridade da Religião Católica, e um tal entusiasmo pela piedade e pela virtude, que no dia seguinte resolvi mudar de vida: levantei-me cedo, fui à igreja, fiz uma Confissão geral e acolhei a Santa Missa. Depois



rezei o Rosário inteiro, e nunca mais deixei minhas orações e Comunhão diárias.

Foi nessa atmosfera que, a 7 de julho de 1956, conheci um varão de Deus, Plinio Corrêa de Oliveira, que iluminou meus caminhos, conferiu brilho ao meu entendimento e robustez estável às decisões tomadas no início de meus tenros anos juvenis, convocando-me à plena integridade de filho da Santa Igreja, a serviço dela e em benefício de meus irmãos na Fé.

A partir do meu encontro com esse varão irrompeu em meu interior um vulcão de admiração pela Igreja, restabelecendo toda a cadeia de “flashes” que eu tivera desde menino: a primeira adoração ao Santíssimo Sacramento, as impressões da Primeira Comunhão e da primeira Confissão, a recepção do Crisma, o encanto pelas aulas de catecismo e a ideia da existência de um mundo sobrenatural para além dos próprios sentidos...

Abriram-se, então, diante de meu horizonte as portas para um percurso dedicado ao apostolado, e determinei abandonar tudo e todos para melhor servir a Deus sob a sabedoria e conselho de Dr. Plinio.

Daí em diante, tudo o que aconteceu conduzia-me ao sacerdócio: a orientação de milhares de jovens de várias nações nas vias da virtude, a formação destes em conjunto, a inauguração de métodos novos de evangelização. A uns arranquei das garras do demônio, a outros perdoei, fortaleci e salvei, a outros, ainda, atraí e animei à busca da perfeição, empregando o melhor de minhas forças e qualidades no auxílio dos necessitados espirituais, numa verdadeira “solicitude por todas as igrejas” (II Cor 11, 28).

Teresita Morazzani

No fundo tratava-se de uma função à maneira sacerdotal, exercida enquanto leigo e não explicitada, mas que, dada minha vontade de fazer o bem aos outros, eu sempre tivera desde o uso da razão.

Um “fiat lux” claro como um sol

O falecimento de Dr. Plinio, em 1995, fez-me comprovar a minha pobre contingência. Lembro-me claramente de constatar com alegria o quanto a obra por ele deixada estava crescendo; contudo, esta perspectiva trazia uma sequência de apreensões e preocupações de diversos teores: Como obter mais graças? Como reparar inteiramente as faltas cometidas na instituição, agora e no futuro? Como ministrar assistência religiosa a tanta gente a mim confiada?

Não tardei muito em explicitar o quanto substancialmente dependia do



Consciente de que a obra fundada por Dr. Plinio dependia do auxílio sobrenatural, Mons. João discerniu mais claramente a necessidade da fundação de um ramo sacerdotal

Mons. João em novembro de 2004

sobrenatural auxílio: o melhor meio de tornar santa esta obra era a Missa! Porque Nossa Senhor sempre me mostrou mais sensivelmente seu poder na Eucaristia, como que dizendo: “Aqui estou na minha divindade, para atender os pedidos que Me fizerem”. Portanto, reparação, santidade, graças, desenvolvimento, tudo isso era impossível sem o Santíssimo Sacramento.

Em certo momento deu-se um *fiat lux*, claro como um sol: precisamos ter um ramo sacerdotal nos Arautos! E foi-me, então, fácil discernir o chamado de Deus para trilhar as vias sacerdotais, iniciado nos primeiros vagidos de minha consciência.

Não era só a sensação penetrante de minha condição de humana criatura e o desejo de reparar minhas debilidades que me levavam a esses fortes anelos. Era uma misteriosa inquietação convidando-me para mais e mais, arrebatando o meu interior.

A melhor forma de unir-me a Deus, conhecendo-O e amando-O com maior fervor e, assim, servir à Santa Igreja e à sociedade com perfeição, seria tornar-me sacerdote. Eu queria poder celebrar a Missa por aquelas intenções que fervilhavam com intensidade no meu coração; queria ser consumido como uma hóstia a serviço de Jesus e no empenho de a todos santificar. Sobretudo, o que mais me levava a abraçar este estado era o desejo de ser veículo de Nossa Senhor para absolver quantos encontrasse em busca do perdão divino.

Embaixadores de Deus junto aos homens

Finalmente, em 15 de junho de 2005 recebi o Sacramento da Ordem, culminando assim a caminhada de doação total à causa da Santa Igreja. Com delícias de alma penetrei na consideração das obrigações,



Por fim ordenado sacerdote, ele considerava com delícias de alma as obrigações, sacrifícios e virtudes que pervadem a vida de um presbítero

Em destaque, Mons. João durante sua ordenação sacerdotal, no dia 15 de junho de 2005. No fundo, aspecto da cerimônia

para que sejam infundidos nas almas toda dádiva boa e todo dom perfeito que descem do Pai das luzes (cf. Tg 1, 17).

Enquanto elo de ligação entre Deus e os homens, há uma certa paridade entre a vocação sacerdotal e a do Anjo. Não só pela prática da virgindade jamais interrompida deve ele se assemelhar aos puros espíritos, mas pela obrigação de transmitir aos outros a Bondade e a Verdade que é Deus: “Os lábios do sacerdote guardam a ciência e é de sua boca que se espera a doutrina, pois ele é o mensageiro do Senhor dos exércitos” (Ml 2, 7).

Contudo, os ministros de Deus têm precedência sobre os Anjos do Céu, pois estes podem socorrer e estimular as pessoas às quais custodiam, bem como expulsar os demônios que as cercam, mas não possuem a faculdade de quebrar as cadeias que prendem as almas ao pecado, mediante o múnus de absolver operando *in persona Christi*.³

Portanto, abaixo da dignidade de Maria Santíssima, Mãe de Deus – que participa de forma relativa da ordem hipostática⁴ – está a figura imponente, majestosa e sagrada do sacerdote.

E se, de um lado, o sacerdote é aquele que se tem como mero instrumento de Deus, disposto a todos os holocaustos e pronto a aceitar as humilhações como perfume de incenso, de outro, a fidelidade inteira à sua altíssima vocação lhe exige ser exemplo para os demais em seu apostolado, conforme a palavra de Nosso Senhor: “Vós sois a luz do mundo. [...] Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos Céus” (Mt 5, 14.16). ♦

Excertos de cartas dos anos de 2004 e 2005, e de exposições orais proferidas entre os anos de 1992 e 2009

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.1, a.8, ad 2.

² SANTO ISIDORO DE SEVILHA. *Etymologiarum*. L.VII, c.12.

³ Cf. SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. *La dignidad y santidad sacerdotal. La selva*. Sevilla: Apostolado Mariano, 2000, p.15-16.

⁴ Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *La Virgen María*. 2.ed. Madrid: BAC, 1997, p.101.

sacrifícios e virtudes que pervadem a vida de um sacerdote.

Com efeito, quem entra na via sacerdotal está chamado a imitar o Sacerdote Supremo, Aquele que, sendo “de condição divina, não Se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a Si mesmo, assumindo a condição de escravo” (Fl 2, 6-7). Por isso, a partir do momento em que foi ungido e lhe foram impostas as mãos do Bispo sobre a cabeça, de acordo com a tradição apostólica, ele deve desaparecer, num completo esquecimento de si e abandono nas mãos de Deus. No confessionário, no altar, na hora de administrar os demais Sacramentos, sua pessoa não importa, pois quem está ali é Nossa Senhor Jesus Cristo.

O sacerdote é retirado do meio dos homens e elevado para ser embaixador de Deus junto a eles, e destes junto a Deus! A origem da palavra *sacerdote*, Santo Isidoro no-la dá em seu livro das *Etimologias*: “*quasi sacram dans*”.² Portanto, aquele que distribui as coisas sagradas, apresentando as preces do povo, que devem subir até aos ouvidos divinos, e intercedendo



Reinhardhauke (CC by-sa 3.0)

“Depois de Deus, o sacerdote é tudo!”

Se o fervor do rebanho depende do pastor, qual foi então o segredo do mais bem-sucedido dos párocos? Eis o que ele mesmo responde: “O meu segredo é simples: dar tudo e não guardar nada”.

⇒ Vinícius Niero Lima



O pequeno João Maria Vianney, de apenas quatro anos, brincava ainda quando, do outro lado do mundo, publicava-se uma profecia sobre... São João Maria Vianney.

Naquele ano de 1790, o Pe. Manuel Sousa Pereira, OFM, consignava na cidade de Quito, Equador, uma revelação que a Mãe do Bom Sucesso fizera à religiosa concepcionista Madre Mariana de Jesus Torres em 8 de dezembro de 1634: “Os sacerdotes do século XX deverão amar com toda a sua alma São João Maria Vianney, um servo meu que a bondade divina prepara para com ele fazer um dom naqueles tempos, dando-lhes um modelo exemplar de sacerdote abnegado. Ele não será de família nobre, para que o mundo saiba e entenda que na avaliação de Deus não há outra preferência senão a virtude profunda. Esse meu servo – que, como te disse, virá ao mundo em fins do século XVIII – Me amará com todo o seu coração”¹.

O redator franciscano transcrevia a profecia sem que a visse realizada. A fé, entretanto, lhe dizia que em algum

lugar a predição se concretizaria. Afinal, estava-se já “em fins do século XVIII”...

E, de fato, na longínqua França a Virgem provava que nunca mente.

Pastor, soldado e sacerdote

A 8 de maio de 1786 nascia o quarto filho de Mathieu e Marie Béluse. Batizado no mesmo dia, recebia o nome de João Maria. Não era de linhagem nobre, conforme as palavras de Nossa Senhora; muito pelo contrário, a pobreza fazia parte dos sofrimentos cotidianos dessa família de pastores de Dardilly.

São João Maria Vianney, modelo exemplar de sacerdote abnegado, foi um dom enviado por Deus aos homens de seu tempo e dos séculos vindouros

Sempre muito religioso, João Maria recebeu a Primeira Comunhão aos treze anos, idade precoce para a época, e já aos vinte havia discernido que sua vocação pastoril em muito transcendia os rebanhos e o cajado: era junto ao altar que imolaria o verdadeiro Cordeiro, e no confessionário que tomaria aos ombros a ovelha ferida.

Para tanto, tentou aprender latim. Tentou... pois sua capacidade não ia muito além. Somente após uma peregrinação, na qual pediu para vencer sua ignorância, pôde alcançar algum progresso. Este, porém, foi logo cercado pela conscrição para o exército napoleônico, no ano de 1809.

Contrafeito por ver baldados seus esforços para entrar na milícia de Cristo e contrariado por ter de lutar sob as ordens de um usurpador em guerra com o Papa, desertou com êxito das falanges francesas, batendo então à porta do seminário maior. Dali o expulsaram, inicialmente, por não o considerarem idôneo para o sacerdócio devido à sua rara, porque escassa, inteligência. Não obstante, após mil provas e dificuldades foi ordenado presbítero em 13 de agosto de 1815.

Quase três anos depois, em fevereiro de 1818, o designaram para o último dos povoados de sua diocese: Ars, um vilarejo que abrigava umas duzentas e cinquenta almas.

O famoso monumento de Ars

A partir de então esse recanto silencioso se tornaria um grande centro de espiritualidade.

De fato, em pouco tempo multidões começam a acudir pressurosas. Percorrem longuíssimas distâncias para estar com o pároco de Ars, ouvir seus conselhos ou ao menos receber um olhar. Sua presença atrai, sua admiração comove os corações inflexíveis,

Já sacerdote e pároco de Ars, João Maria atraía as multidões, que acorriam para ouvir seus conselhos ou ao menos receber dele um olhar

seu exemplo arrasta. O povo corre a fim de marcar um lugar na fila para, de joelhos no confessionário, pedir ajuda ao “ouvido que escuta e que não transmite senão a Deus aquela confidência”, à “boca que responde, que orienta, que consola, que ata e desata, [e que] é verdadeiramente a boca de Deus. O Cura d’Ars é esse ouvido e essa boca. E ele o sabe”².

Na verdade, todos o sabem! E por isso a espera para ser atendido em Confissão se eterniza por dias a fio. Mas vale a pena pois, quando os homens, e sobretudo os Santos, cooperam com a graça de Deus, eles realizam verdadeiros prodígios nas almas daqueles com quem convivem! Com razão “um santo vivo é mais procurado do que um santo morto”³.

Apesar de seu modo de ser simples, de sua voz enrouquecida pelo tempo e de seu aspecto físico pouco atraente, São João Maria Vianney, por sua alma inocente, sua presença marcada pela virtude e sua candura no trato com as pessoas, atrai almas de todo o mundo. “Um sacerdote que não come nada, que não dorme, que dá tudo, que reza como nunca ninguém rezou, que celebra a Missa

como um Anjo e que torna magnífica a sua igreja, é um fenômeno por demais surpreendente”⁴, para que não se transformasse no monumento talvez mais visitado da França de então.

Portanto a enorme atração que o tornou o centro gravitacional de toda uma época, ele a exerce, não tanto pelos labores apostólicos, pela gestão paroquial, pela criação de grupos e pastorais, pela originalidade dos sermões ou mesmo pelos encantos da música, quanto pela vida interior que lhe transborda da alma.

Sacerdote, ou seja, tudo!

O fascínio despertado por São João Maria provinha, além da fragrância irresistível da santidade, da consciência plena, profunda e humilde que ele possuía do seu chamado: ensinar, governar e santificar os outros, vivendo para exercer a missão de ser outro Cristo enquanto sacerdote.

Na Confissão, por exemplo, “de cada vez escuta como Deus, de cada



Fila para confessar com São João Maria Vianney - Capela da Providência, Ars-sur-Formans (França);
em destaque, cartas de ordenação presbiteral do Santo e sua nomeação como pároco de Ars.
Na página anterior, Santo Cura d’Ars - Igreja de São Germano, Saint-Germain-les-Belles (França)

Fotos: Reprodução



vez responde como Deus; sempre tremendo muito, pois não é senão o seu humilde ministro, mas empenhando todos os seus recursos íntimos, e com a segurança de estar sendo revitalizado por Deus”⁵.

Essa compenetração levava o Santo a ter suma veneração pelo sacerdócio e a incutir um grande respeito pelos ministros de Deus em seus paroquianos. Suas palavras de pregador são expressivas demais para que deixemos de as transcrever:

“Sem o Sacramento da Ordem, não teríamos Nosso Senhor. Quem O colocou ali, naquele tabernáculo? O sacerdote. Quem acolheu vossa alma em seu ingresso na vida? O sacerdote. Quem alimenta para lhe dar a força de realizar sua peregrinação? O sacerdote. Quem a preparará para comparecer diante de Deus, lavando-a pela última vez no Sangue de Jesus Cristo? O sacerdote, sempre o sacerdote. E se esta alma vier a morrer [pelo pecado], quem a ressuscitará, quem lhe restituirá a serenidade e a paz? Ainda o sacerdote. [...] O próprio sacerdote não entenderá bem a si mesmo, senão no Céu... [...] Depois de Deus, o sacerdote é tudo!”⁶

Ao pé da Cruz, com Maria

Como entender a grandeza de um varão a cujas ordens Deus desce dos Céus e as almas mortas ressuscitam? O incomprendível encerrado nestes supremos poderes talvez tenha sido o que mais atraía a multidão, pois o Pe. Vianney jamais banalizou esses momentos sagrados entre todos. Muito pelo contrário, “ele estava convencido de que todo o fervor da vida de um padre dependia da Missa: ‘A causa do relaxamento do sacerdote é porque não presta atenção à Missa! Meu Deus, como é de lamentar um padre que celebra [a Missa] como se fizesse uma coisa ordinária!’”⁷

O Cura d’Ars viveu em consequência da alta consideração que tinha pelo sacerdócio, a ponto de identificar-se totalmente com o próprio ministério. Por isso, era necessário que ele continuasse a obra da Redenção renovando de forma incruenta o Sacrifício do Calvário não somente no altar, mas também em sua existência cotidiana. Como São João aos pés da Cruz, junto à Mãe de Deus sofria com Aquele que Se imola diariamente na Santa Missa.

Coroa e auréola de todos os Santos, a devoção à Santíssima Virgem não podia deixar de ornar a alma de São João Maria. O pároco por excelência colocava-se sob o olhar e o afago da Senhora do Universo com a entrega e veneração de uma criança de colo. Por isso afirmava com conhecimento de causa: “O Coração de Maria é tão terno para conosco que os de todas as mães reunidas não passam de um pedaço de gelo aos pés do seu”.⁸

No calvário de seu ministério

Se é bem verdade que todo o cristão deve, amparado pela Rainha dos Mártires, seguir a Cristo na escola do sofrimento, para um sacerdote essa configuração torna-se muito mais profunda, já que ele deve sofrer por si e por aqueles que lhe estão confiados. De forma simples, mas pungente, também esse ponto essencial do Cristianismo foi ensinado pelo patrono dos sacerdotes: “A cruz é a escada do Céu. [...] Aquele que não ama a cruz talvez consiga salvar-se, mas a muito custo: será uma estrela pequena no firmamento. Aquele que tiver sofrido e combatido por Deus brilhará como um belo sol”⁹.

A vida de São João Maria Vianney esteve marcada de alto a baixo pelos esplendores desse sol em plena aurora, isto é, da cruz nos mais diversos aspectos, tamanhos e pesos: o confessorário, a correspondência, os infelizes, os importunos, as dívidas, o mau humor de seu coadjutor, as implicâncias do demônio, as dores físicas, as pontas do cilício, a privação de alimento e de sono, e também as dúvidas acerca da sua vocação de pároco e a consciência da sua miséria; tudo isso pesava sobre ele simultaneamente.¹⁰

O calvário deste pároco exemplar atingiu tal auge, que ele passou a ser mistério até para a ciência. Chegou a ser examinado por médicos, mais de



São João Maria Vianney - Basílica a ele dedicada em Ars-sur-Formans (França)

O Santo viveu em consequência da alta consideração que tinha pelo sacerdócio, a ponto de identificarse totalmente com o próprio ministério

dez anos antes de sua morte, que não conseguiam explicar como ele ainda vivia em meio a uma rotina tão exaustiva e repleta de sofrimentos.

Mas como, para o cristão, o sangue derramado é semente lançada ao campo, que colheita recebeu como prêmio o arquétipo dos párocos?

Ars já não é mais Ars”

Ao avistar sua paróquia pela primeira vez, São João Maria comentou que naquele momento havia ali um pequeno número de pessoas – não passava de duzentos e trinta –, mas dia viria em que Ars não poderia conter a quantidade de peregrinos que para ela acorreriam! No fim de sua vida, essa profecia se cumpriu ao pé da letra.

“Ars já não é mais Ars”,¹¹ pregava o Pe. Vianney do ambão. Tudo ali havia mudado: os fiéis, a igreja, até mesmo a cidade no seu aspecto material. Que imensa transformação um sacerdote pôde operar em um dos menores vilarejos da França!

Com Cristo, com a graça ministerial recebida na ordenação, com uma profunda e contínua devoção a Maria Santíssima, com uma vida santa, um sacerdote é capaz de realizar as obras mais extraordinárias, seja na conversão de uma paróquia, de um país inteiro ou até de toda uma sociedade.

E assim se entende o quanto “os bons costumes e a salvação dos povos dependem dos bons pastores. Se



Sérgio Hollmann

Corpo incorrupto de São João Maria Vianney - Basílica a ele dedicada em Ars-sur-Formans (França)

A Senhora do Bom Sucesso indica o caminho para todo o sacerdote fiel: imitar o Cura d'Ars, cujo segredo estava em dar tudo de si

à frente de uma paróquia estiver um bom pároco, depressa nela se verá a devoção florescente e os Sacramentos frequentados”¹²

O segredo de Vianney

Pois bem, se o fervor do rebanho depende do pastor, qual foi então o segre-

do do mais bem-sucedido dos párocos? Eis o que ele mesmo responde: “O meu segredo é simples: dar tudo e não guardar nada”¹³

Tal é o epílogo da grande obra legada por São João Maria Vianney: o segredo do sucesso apostólico está numa vida sobrenatural intensa. Os corações só podem ser abrasados pelo incêndio que habita o sacerdote, as almas darem seus frutos apenas se fecundadas pelo sangue de seu agricultor, o redil terá verdes pastagens somente se seu pastor o souber irrigar com o orvalho celeste da graça.

Eis o caminho de todo o sacerdote fiel. É o caminho apontado pela Senhora do Bom Sucesso: “Os sacerdotes do século XX deverão amar com toda a sua alma São João Maria Vianney”. E que quer dizer isto senão que deverão imitá-lo? ♣

¹ PEREIRA, OFM, Manuel Souza. *Vida admirable de la Madre Mariana de Jesús Torres y Berriochoa*. Quito: Jesús de la Misericordia, 2008, t.III, p.129.

² GHÉON, Henri. *O Cura d'Ars*. São Paulo: Quadrante, 1986, p.75.

³ Idem, p.71.

⁴ Idem, p.49.

⁵ Idem, p.76.

⁶ MONNIN, Alfred. *Esprit du Curé d'Ars. Dans ses catéchismes, ses homélies et sa conversation*. 6.ed. Paris: Ch. Douaniol, 1868, p.117-120.

⁷ BENTO XVI. *Carta para a proclamação de um sacer-*

dotal por ocasião do 150º aniversário do “dies natalis” do Santo Cura d'Ars.

⁸ SÃO JOÃO MARIA VIANNEY. *Pensamentos escolhidos do Cura d'Ars*. Juiz de Fora: Lar Católico, 1937, p.37.

⁹ GHÉON, op. cit., p.92.

¹⁰ Cf. Idem, p.143.

¹¹ Idem, p.55.

¹² SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, apud CHAUTARD, OCSO, Jean-Baptiste. *A alma de todo apostolado*. São Paulo: Coleção, 1962, p.56.

¹³ NODET, apud BENTO XVI, op. cit.

O sacerdócio, antes e depois de Cristo

Pareceria impossível haver maior sublimidade que a do sacerdote da Antiga Lei: ser a ponte entre o finito e o Infinito, entre o tempo e o Eterno, entre o miserável e a Misericórdia. Mas as manifestações da dadivosidade divina sempre se superam...

✉ João Pedro Serafim Freitas Pereira



Uma das cenas mais contrastantes da Bíblia tornou-se o fundo de quadro da instituição do sacerdócio. De um lado Moisés, que convivera com Deus por quarenta dias no Sinai, recebia as tábuas da Lei; de outro, prevaricava o povo hebreu ao se prostrar diante de um bezerro de ouro. Ao descer de seu retiro no monte, o homem de Deus constatou a enorme infidelidade dos descendentes de Abraão e, tomado de zelo, resolveu intervir. “Pôs-se de pé à entrada do acampamento e exclamou: ‘Venham a mim todos aqueles que são pelo Senhor!’” (Ex 32, 26). Em torno dele conglobaram-se os filhos de Levi, para reparar a honra de Deus ultrajada.

O Senhor dos Exércitos, que protege os que O defendem e exalta os que O vingam, não deixaria de premiar tal fidelidade. Em função da obediência dos levitas, os escolheu e consagrou (cf. Nm 3, 12) a fim de Lhe servirem no Tabernáculo como seus mediadores junto ao povo. Por isso, na repartição da Terra Prometida eles não receberiam nenhuma porção com seus irmãos, uma vez que tinham por sorte

o Eterno: o Senhor mesmo seria sua herança (cf. Nm 18, 20).

Da intransigência em face da corrupção, originava-se o “clero” do Senhor. De fato, esta palavra proveniente da língua grega – κλῆρος: *kléros* – significa *herança*.¹ Trata-se da parcela do povo que tem apenas o Senhor por herança. Apenas... como se este termo pudesse preceder o nome d’Aquele que é tudo.

As etimologias de “sacerdote”

Desse momento em diante, as Sagradas Escrituras estarão cá e lá

*No antigo Israel,
Deus escolheu e
consagrhou os levitas
para Lhe servirem no
Tabernáculo e serem
seus mediadores
junto ao povo*

iluminadas por esta palavra de ouro: sacerdote. Para bem entendermos, porém, o que se compreendia por tal ofício, devemos nos debruçar sobre seu sentido profundo nos idiomas do Antigo Testamento, do Novo Testamento e da Igreja.

Na Bíblia hebraica é o termo *kohen* que o designará. Sua etimologia pode levar a dois significados que, em parte, descrevem o levita: se remontamos ao verbo *kánu*, encontramos o sentido de *inclinar-se, prestar homenagem*; se à raiz trilateral *KWN*, o de *estar em pé*, pois somente ao sacerdote é dado comparecer de pé diante de Javé.²

Por sua vez a versão dos Setenta – primeira tradução grega da Bíblia – adotou, para a tradução de *kohen*, o termo *hiereus*, que encerra a ideia de *sagrado*, do que pertence a Deus e não aos homens. “O *hiereus* é aquele que tem a função de executar as cerimônias sagradas e especialmente o sacrifício, considerado como um serviço público”.³

Já na língua da Igreja, a latina, utiliza-se a palavra *sacerdos*, que evoca

novamente o sentido de *coisa sagrada*. O verbo que entra na sua composição significa propriamente *colocar sobre alicerces* ou *fundar*; assim, o *sacerdos* tem a missão de cumprir o que é sagrado, conferindo-lhe uma justa fundamentação.⁴

Consagrados e sagrados

O sacerdócio enquanto instituído por um mandato divino iniciou-se na pessoa de Aarão, irmão de Moisés, da tribo de Levi. Até este momento, segundo consta, as funções ditas sacerdotais eram exercidas pelos chefes de cada família, sem que houvesse uma classe social específica a elas dedicada.⁵ Lê-se no Livro do Êxodo a ordem clara do Senhor a Moisés para a consagração de uma casta de sacerdotes: “Faze vir junto de ti, do meio dos israelitas, teu irmão Aarão com seus filhos para Me servirem no ofício sacerdotal” (28, 1).

Essa consagração conferida a Aarão e à sua descendência outorgava um estado de santidade que os capacitava a aproximarem-se de Deus durante o culto. A tal ponto que, no mundo hebraico, os sacerdotes eram denominados como “santificados”, pessoas que já não pertenciam ao profano e sim ao sagrado. O próprio sumo sacerdote, conforme estava prescrito na Lei (cf. Ex 28, 36), devia portar uma placa de ouro na qual estava gravado: santificado para Javé.

Assim, no antigo Israel o sacerdote era escolhido primordialmente para o serviço do santuário, o que consistia em oferecer as vítimas sobre o altar, transmitir ao povo os oráculos divinos, dar-lhes a instrução, ensinar-lhes os preceitos da Lei.⁶

Raiz e fim de todos esses encargos, a principal função do levita era a de ser um mediador entre Deus e o povo: “Quando o sacerdote transmite um oráculo, comunica uma resposta de Deus; quando dá uma instrução [...] e, mais tarde, quando explica a Lei, [...] transmite e inter-

preta um ensinamento que vem de Deus; quando leva ao altar o sangue e as carnes das vítimas e quando faz

exalar o incenso, apresenta a Deus as orações e as petições dos fiéis. Representante de Deus diante dos homens nas duas primeiras funções, representante dos homens diante de Deus na terceira, é em todo caso um mediador”.⁷

Sublimação do sublime

Pareceria impossível haver maior sublimidade que a do sacerdote da Antiga Lei: ser a ponte entre o finito e o Infinito, entre o tempo e o Eterno, entre o miserável e a Misericórdia. Deus, entretanto, reservava à humanidade um sacerdócio ainda mais elevado. Nossa Senhor Jesus Cristo veio à terra e “aboliu o antigo regime estabelecendo uma nova economia” (Hb 10, 9). O novo sacerdote estaria, também, num pináculo mais alcandorado.

“Imagina”, exorta São João Crisóstomo, “que tenhas ante os olhos o profeta Elias; vê a ingente multidão que o rodeia, as vítimas sobre as pedras, a quietude e o silêncio absoluto de todos e só o profeta que ora e, de repente, o fogo que desce do céu sobre o sacrifício. Tudo isso é admirável e nos enche de estupor.

“Translada-te agora daí e contempla o que entre nós se realiza, e verás não apenas coisas maravilhosas, mas algo que sobrepassa toda admiração. Aqui está em pé o sacerdote, não para fazer descer fogo do céu, mas para que desça o Espírito Santo; e ele prolonga por longo tempo sua oração, não para que uma chama desprendida do alto consuma as vítimas, mas para que desça a graça sobre o sacrifício e, abrasando as almas de todos os assistentes, as deixe mais brilhantes que a prata acrisolada. [...]

“Pois quem atentamente considera o que seja estar um homem envolto ainda em carne e sangue e, apesar disso, poder chegar tão perto daquela bem-aventurada e puríssima natureza, esse poderá compreender bem quão



Aarão - Igreja de São Nicolau, Nérac (França); na página anterior, “Aarão no Tabernáculo”, por Gérard Jollain

*O sacerdote levita
era denominado como
“santificado”, pois
pertencia ao sagrado;
Deus, porém, reservava
aos homens um
sacerdócio mais elevado*



grande é a honra que a graça do Espírito outorgou aos sacerdotes”.⁸

Onde está a fonte dessa excelência dos novos levitas? No Sacerdote Eterno, que é ao mesmo tempo a Vítima ilibada e o Altar do sacrifício, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Cristo Sacerdote e o sacerdote de Cristo

“Tal é, com efeito, o Pontífice que nos convinha: santo, inocente,



Eric Salas

Sagrado Coração Eucarístico de Jesus -
Basílica de Nossa Senhora
da Conceição, Madri

imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus [...]. Enquanto a Lei elevava ao sacerdócio homens sujeitos às fraquezas, o juramento, que sucedeu à Lei, constitui o Filho, que é eternamente perfeito” (Hb 7, 26.28).

Tão augustas palavras sobre tão superiores realidades nos deixam mudos de admiração. São Tomás de Aquino, entretanto, desafia o silêncio do estupor e canta verdadeiras maravilhas a respeito do caráter fontal do sacerdócio de Cristo, ao comentar a citada Epístola aos Hebreus.

Explica o Doutor Angélico⁹ que Jesus, no que concerne à santidade, compendiou de modo perfeito todas as condições requeridas ao sacerdote: Ele foi consagrado a Deus desde o início de sua concepção; conservou-Ser sumamente inocente, visto que não cometeu pecado; manteve-Se sem mancha, aspecto bem simbolizado pelo cordeiro sem defeito da antiga Lei (cf. Ex 12, 5); permaneceu separado dos pecadores pois, embora tenha vivido entre eles, jamais trilhou suas vias (cf. Sb 2, 15); por fim, “está sentado à direita da Majestade no mais alto dos Céus” (Hb 1, 3), elevando consigo a natureza humana. É, em suma, a fonte de todo sacerdócio, seu cume, sua finalidade.

De seu sacerdócio quis Ele fazer partícipes alguns escolhidos. Com efeito, “sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo

ao Pai, como amasse os seus [...], até o extremo os amou” (Jo 13, 1). E para dar mostras de sua benquerença instituiu no entardecer da vida dois grandes Sacramentos: a Eucaristia, entregando-Se na Ceia – “Isto é o meu Corpo” (Lc 22, 19a) –; e a Ordem, concedendo aos Apóstolos o poder de prolongar até o fim do mundo a presença sacramental do Mestre e seus atos sacerdotais – “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22, 19b).

Desvendando essa grandeza, o Cathecismo afirma que, “no serviço eclesiástico do ministro ordenado, é o próprio Cristo que está presente à sua Igreja enquanto Cabeça de seu Corpo, Pastor de seu rebanho, Sumo Sacerdote do sacrifício redentor”¹⁰.

Santidade: uma exigência!

Essa sublime doutrina revela, é verdade, a altíssima dignidade com que Deus Nosso Senhor cumulou os sacerdotes. Ao mesmo tempo, entretanto, faz entrever a imensa responsabilidade que os ministros ordenados carregam aos ombros.

“Toma consciência do que fazes”, clama a Santa Igreja ao sacerdote, “e põe em prática o que celebras, de modo que, ao celebrar o mistério da Morte e Ressurreição do Senhor, te esforces por mortificar o teu corpo, fugindo dos vícios, para viver uma vida nova”¹¹.

Viver uma vida nova! Não se trata de um pedido, mas de uma exigência, uma obrigação daquele que teve suas mãos ungidas para o ministério. É uma imposição de sua excelsa posição de mediador e a condição para que germinem seus labores: “A santidade dos presbíteros muito concorre para o desempenho frutuoso do seu ministério. [...] Prefere Deus manifestar as suas maravilhas por meio daqueles que, dóceis ao impulso e direção do Espírito Santo, pela sua íntima união com Cristo e santidade de vida, podem dizer com o Apóstolo: ‘Já não sou eu

*“Tal é, com efeito,
o Pontífice que nos
convinha: santo,
inocente, imaculado,
separado dos
pecadores e elevado
além dos céus”*

que vivo, mas é Cristo que vive em mim' (Gal 2, 20).¹²

Consagrando o Corpo sacramental do Senhor, o sacerdote adquire também um poder direto sobre o Corpo Místico de Cristo. É seu dever instruir, santificar e governar os membros da Igreja. Tais obrigações acarretam que ele tenda sempre para a perfeição espiritual, para o extremo da união com Nossa Senhor, para o cume do Calvário.

Deus, porém, torna-Se o onipotente Cireneu de seus ministros e dispõe das graças mais excelentes para auxiliá-los. A graça santificante, por exemplo, que o Sacramento da Ordem aumenta *ex opere operato* no presbítero, "é como que o último toque que assemelha a alma a Cristo".¹³ A graça sacramental, ademais, "implica um aumento de todas aquelas virtudes e daqueles dons a que poderemos chamar profissionais; os dons da piedade e a virtude da religião, para oferecer dignamente o sacrifício; o dom da sabedoria, para instruir; a virtude da prudência, para governar".¹⁴

Se é certo, nesse sentido, que a existência do sacerdote fiel assemelha-se a um contínuo crisol de santidade, é também verdade que com isso ele se torna digno de ser um "cibório vivo da divindade".¹⁵



Leandro Souza

Celebração da Santa Missa na Casa Lumen Prophetæ - Franco da Rocha (SP)

Os sacerdotes da Nova Lei agem na Pessoa do próprio Nosso Senhor: não estão diante do Altíssimo, é o Altíssimo que está neles

A pré-figura cede lugar à sua realização

Longo foi o trajeto percorrido neste artigo: de Moisés até nossos dias, quase trinta e cinco séculos. Mas a vantagem de se fazer em curto período uma grande viagem é a de abranger numa só vista o imenso desenvolvimento histórico da graça sacerdotal.

O povo eleito da Antiga Aliança acorria aos levitas para que apresentassem a Javé sacrificios de expiação pelos seus pecados. No Novo e Eterno Testamento, contudo, o ministro ordenado tem o poder de todos os dias renovar o sumo, perfeitíssimo e prefigurado sacrifício da Cruz.

Na sinagoga os israelitas procuravam os filhos de Levi para escutar os oráculos divinos. Na Igreja os sacerdotes de Cristo, com uma palavra, operam os maiores milagres: ressuscitam, por meio do Sacramento da Reconciliação, as almas mortas pelo pecado; transsubstanciam o pão e o vinho no Corpo, Sangue, Alma e Divindade do Salvador.

Os sacerdotes da Antiga Lei compareciam de pé diante do Senhor. Os pontífices da Nova Lei agem *in persona Christi*, na Pessoa Divina do próprio Nosso Senhor. Não estão diante do Altíssimo, é o Altíssimo que está neles. ♣

¹ Cf. DANKER, Frederick William. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3.ed. Chicago: University of Chicago, 2000, p.548.

² Cf. DE VAUX, Roland. *Institutiones del Antiguo Testamento*. 2.ed. Barcelona: Herder, 1976, p.449-450.

³ AUNEAU, Joseph. *El sacerdocio en la Biblia*. Estella: Verbo Divino, 1990, p.10.

⁴ Cf. Idem, ibidem.

⁵ Cf. COLUNGA, OP, Alber- to; GARCÍA CORDERO, OP, Maximiliano. *Biblia comentada. Pentateuco*. Madrid: BAC, 1960, v.I, p.663.

⁶ Cf. DE VAUX, op. cit., p.453; 458.

⁷ Idem, p.462.

⁸ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. Tratado sobre el sacerdocio. L.3, n.4-5. In: *Obras*. Madrid: BAC, 2011, v.III, p.646-647.

⁹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Commento alla Lettera agli Ebrei*, c.VII. In: *Commento al Corpus Paulinum*. Bologna: Studio Domenicano, 2008, v.VI, p.375-377.

¹⁰ CCE 1548.

¹¹ PONTIFICAL ROMANO. *Rito de ordenação de um presbítero*. São Paulo: Paulus, 2014, p.125.

¹² CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum ordinis*, n.12.

¹³ Cf. PIOLANTI, Antonio, apud BARTMANN, Bernardo. *Teología Dogmática*. São Paulo: Paulinas, 1964, v.III, p.381.

¹⁴ Idem, ibidem.

¹⁵ Idem, ibidem.



Entre a vulnerabilidade humana e a força divina

Como a luz da chama corusca sobre a vela, assim a graça divina pousa sobre as almas eleitas dos sacerdotes, não obstante a defectibilidade humana.

⇒ Plínio Corrêa de Oliveira

Quando ainda meninote eu percebia, talvez por discernimento dos espíritos, algo muito elevado, muito bonito, mas que não sabia pôr em termos. Só mais tarde, tendo o meu espírito progredido, essa explicitação tomou corpo. Eu notava haver uma distinção entre a Igreja e seus membros. Por quê?

Uma como que dupla personalidade

Sumamente respeitador do clero, dizia de mim para comigo ser eu o ho-

mem mais clerical do mundo, e isso me alegrava. Assim, à força de conviver com sacerdotes, acabei percebendo que havia neles, no sentido bom da palavra, uma espécie de dupla personalidade.

Uma era o indivíduo humano; podia ser um bom homem, honesto, mas homem como os outros. Depois havia outro elemento, ligado a ele como a chama à vela. Uma não se confunde com a outra: a chama vive da vela, e a vela vive para a chama; entretanto, uma coisa é a chama e outra a vela.

Esse elemento, esse princípio, essa força superior ao clérigo enquanto homem modelava suas atitudes, pensamentos e reflexões, levan-

do-o a fazer todas as coisas muito bem, na acepção moral da palavra, melhor do que o comum das pessoas costuma fazer.

Aspectos humanos reprováveis

Houve, por exemplo, um padre com o qual, por necessidade de apostolado, fiz algumas viagens de automóvel ao Rio de Janeiro. Eu notava nele certos lados humanos que podiam ser melhores e outros aspectos *inmejorables*. Eram dois princípios diferentes atuando no sacerdote.

Naquele tempo os clérigos usavam um chapéu próprio, inteiramente redondo, em geral de feltro preto e com uma aba redonda também. Nenhum sacerdote se atrevia sair à rua sem portar chapéu, e nunca o fazia com chapéu civil.

Ao sairmos de São Paulo e começarmos a entrar pelos subúrbios, de repente vejo-o tirar de um estojo um boné, desses de mecânico norte-americano, uma espécie de gorro mole de feltro verde-escuro, e o pôr na cabeça. Ele passou o chapéu para o *chauffeur* – que já sabia onde guardar, o que significava esconder –, mostrando uma tendência a disfarçar que era padre.

*Há no sacerdote
uma espécie de dupla
personalidade: o
indivíduo humano e
um elemento superior,
ligado a ele como
a chama à vela*



Pareceu-me uma coisa inexplicável que um eclesiástico, considerado como um dos mais respeitáveis de São Paulo, manifestasse certa vontade de não ser padre. Ele teria a tentação de deixar de sê-lo, se lhe fosse possível. Isso me causou má impressão.

Na primeira viagem ao Rio de Janeiro que fiz com esse clérigo e mais um congregado mariano da Igreja de Santa Cecília, ele nos avisou que tinha um encontro marcado num *restaurant* com um sacerdote de outro estado do Brasil e que nós podíamos assistir à conversa. Ele nos apresentou, cumprimentamo-nos e nos sentamos. Em seguida veio o garçom, registrou as encomendas e saiu. Então o padre disse para ele:

— Fulano, olhe aqui, você sabe da última?

Ele respondeu, interessadíssimo:

— Não. Qual é?

— Dom Fulano – um Bispo – mandou dizer para Dom Sicrano que não está de acordo a respeito de Dom Beltrano...

Uma verdadeira politicagem!... Não havia quem acompanhasse. Ele, entretanto, estava atentíssimo. Eu percebi o quanto aquele sacerdote conhecia toda essa politicagem e a devorava de interesse. Era esta a razão do encontro: o outro padre tinha mais informações, então ia passar para ele.

O assunto durou do começo até o fim do almoço, sem que pudéssemos dizer uma palavra. Compreende-se que, fazendo parte da mesa, seria natural nos indagar: “O senhor está estudando? Que curso está seguindo? Há quantos anos é congregado mariano?” Tratava-se de perguntas feitas com o objetivo de introduzir uma pessoa na conversa. Nada.

Acabou o almoço, levantamo-nos. Que alívio!

Consideração pela dignidade sacerdotal

Em sentido oposto, durante o percurso precisávamos entrar em mais de



Leandro Souza

Ordenação sacerdotal na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caeiras (SP)

A despeito dos defeitos de sua própria natureza, o sacerdote resplandece de modo especial quando brilha a luz divina que o habita

um hotel para tomar refeição, porque a estrada São Paulo-Rio de Janeiro era naquele tempo muito ruim, e a viagem levava um bom tempo.

No refeitório do hotel com frequência havia rodas de pessoas com algum sacerdote. Em geral tratava-se de um casamento realizado pela manhã ou à tarde, cujo celebrante fora convidado a fazer parte da festa. Então, comparecia presidindo a mesa. Essas comemorações eram uma espécie de banquetezinhos e demoravam para terminar. Nossa refeição era sumária e, portanto, na maioria das vezes acabávamos antes.

Ele, com toda a reverência, fazia o nome do Pai e rezava para encerrar a refeição, depois ia à mesa do outro sacerdote – muitas vezes eram padres mais novos, e ele era um homem de mais de cinquenta anos –, o cumprimentava amavelmente, dava o nome, perguntava como se chamava. Tudo feito com tanto respeito, gentileza e delicadeza que se percebia a consideração dele pelo sacerdócio.

Dualidade de princípios

Tratava-se de dois elementos distintos, um dos quais provinha de certo princípio alheio à psicologia dele. Se não fosse uma graça, ele não agiria assim. Era como um *abat-jour* que se acende: uma coisa é o *abat-jour* apagado, outra quando aceso.

Havia, portanto, um princípio como uma lâmpada elétrica que se acendia ou se apagava, como uma luz que o habitava, mas não era ele, a qual lhe conferia um resplendor pessoal muito superior ao habitual.

Certa vez parei de automóvel em frente à casa desse padre, em cujo andar superior estava o quarto de dormir, o qual dava acesso para o jardim e para



a rua. Havia uma treliça em vez de veneziana, para entrar ar, de maneira a ser possível ver o interior do quarto. Ele estava vestido de batina, muito direito, preparando a cama para dormir.

Contudo, no modo de fazer essa arrumação o “*abat-jour*” apagava... Ele parava, meditava bem qual seria a melhor posição para o cobertor, para o travesseiro. Havia mil confortinhos que o preocupavam muito, e ele propriamente resolvia o arranjo da cama, para depois se meter dentro, como uma pessoa faz uma equação de álgebra.

Por outro lado, nessa atitude se via uma inocência de alma, a ausência de pensamentos inconvenientes. Era um padre.

Isso me levava a perceber uma dualidade de princípios existentes no mesmo eclesiástico.

Amor total à Santa Igreja

Por consequência, surgiu em minha mente uma espécie de raciocínio que não explicitei logo, mas que operou como se eu o tivesse explicitado.

Considerando o padre A, B, C ou X, vejo que todos têm esse mesmo princípio atuando em si e fazendo com que suas qualidades sejam sempre orientadas num mesmo sentido, de maneira que, quando eles obedecem a isso, surge uma maravilha. Contudo, existem outros lados nos quais eles relaxam, não obedecem, não fazem a coisa direito, e que resultam em algo despiciendo.

Há, portanto, uma dualidade. Mas não basta tal conclusão. Depois de ter examinado e visto a presença dessa dualidade, devo reconhecer que o princípio existente em cada um deles é o mesmo que atua nos outros, distinto e superior à pessoa deles, uma verdadeira maravilha, e que é a alma da Igreja

Católica! Donde a admiração sem nome nem limite pela Santa Igreja.

Quer dizer, esse princípio é Deus, é a graça divina dada às almas, a qual influencia, atua e faz maravilhas.

Então, amar esse princípio era como amar uma superpessoa, que não

era nenhum daqueles sacerdotes. Eu não sabia dizer que era Deus, a graça; não tinha instrução religiosa suficiente para isso.

Em consequência, tive um amor a bem dizer total pela Igreja Católica, porque a conclusão tirada logo depois era evidente: só a Igreja tem valor, onde entra a seiva da Igreja se produz tudo quanto há de mais excelente, de mais magnífico, de mais belo, justi-

to, razoável; onde ela não entra, acabam saindo as piores imundícies.

Então, a solução para tudo no mundo é que esse elemento, essa alma da Igreja esteja presente, e que se lhe facilite a ação de todos os modos possíveis.

Anseio pela vitória da graça

Eu não notava – porque aplicava tais raciocínios aos padres e às freiras, e não aos leigos – que o princípio pelo qual percebia isso era o mesmo que havia no sacerdote e em todos os fiéis. Era a graça, o Divino Espírito Santo atuando sobre a

Igreja, o seu templo, sobre mim e sobre aqueles imbuídos do impulso católico, do instinto católico.

Ponderava, porém, o objetivo para o qual eu estava inteiramente orientado e meu único anseio era a vitória desse princípio sobre todas as coisas ruins que há no mundo. O resto não me interessava.

A Igreja Católica ensina ser a graça de Deus um dom, uma participação criada na vida criada d'Ele e, por isso, nós vivemos da vida de nosso Criador. É esse impulso que nos leva para isso. ♦



Dr. Plinio em 1990

*Amar esse princípio
é como amar uma
superpessoa: a Santa
Igreja Católica, cuja
seiva produz tudo
quanto há de mais
excelente e belo*

Excerto de: *Conferência*.
São Paulo, 31/12/1994

O SACRIFÍCIO INDISPENSÁVEL

Não é a qualquer pessoa que é dado exercer o duro ofício de pescador de pérolas. As compleições fortes são capazes de resistir à pressão da água e às agressões dos polvos, para descer até o fundo do oceano, e colher lá a pérola alvíssima que procuram. Mas os organismos débeis se sentem asfixiados desde que se aprofundem um pouco nas águas verdes do oceano, e são forçados a retroceder com as mãos vazias, para respirar a brisa amena e retornar à pressão fraca longe das quais são incapazes de viver.

É o que se dá, também, no mundo do espírito. Há certas almas capazes de descer à profundeza das mais sérias cogitações, onde vão buscar a pérola inestimável da verdade. Outras, porém, se sentem asfixiadas desde que as ideias se tornam um pouco mais densas, e retrocedem imediatamente, de mãos vazias, àquela banalidade estéril que é o único ambiente que conseguem suportar.

Sacrifício da alma que se purifica pela prática da virtude

O grande sentido da vocação desta geração que atualmente atingiu a mocidade é o sacrifício.

Ou esta geração enfrentará a dureza de sua vocação com a generosidade do martírio, ou ela será inevitavelmente devorada pelas tempestades que as gerações anteriores acumularam por seus erros, e que estão prestes a desabar sobre o mundo contemporâneo.

Mas o sacrifício que se requer não é o do sangue. Não é a morte que a graça impõe ao moço de hoje como perigo supremo a enfrentar, mas a própria vida. Não é mais o tempo de atestarem os crentes a sua fé pelo testemunho sangrento do martírio. O que hoje a Igreja pede aos seus fiéis é o testemunho de uma vida exemplar, e o sacrifício generoso de toda a nossa personalidade à grande causa por que é mister lutar.

Este sacrifício é o sacrifício dos bens temporais. É o sacrifício do tempo que se emprega no apostolado, quando poderia ser utilizado na caça ao dinheiro. É o

sacrifício das atitudes que se tomam para salvar as almas, com prejuízo da reputação social, das mais caras relações de família ou de amizade, das mais preciosas simpatias.

Mas, sobretudo, este sacrifício é o da alma que se purifica pela prática da virtude, que se imola no sofrimento interior, que sobe espontaneamente ao altar das mais dolorosas provas espirituais, com aquela resolução magnânima com que caminhavam para o martírio os primeiros cristãos. Porque o mundo atual foi perdido pelo pecado, e só pela virtude se há de resgatar. Porque de nada vale a mais útil das obras de apostolado aos olhos de Deus, quando o apóstolo leva na alma aquele mesmo espírito do mundo, que combate por suas ações.

Sacerdócio, a vocação por excelência para o sacrifício

É precisamente isto que o mundo não quer compreender, e é a esta incompREENSÃO que atribuo o pequeno número de vocações entre nós.

A vocação sacerdotal é, por excelência, a vocação para o sacrifício. Em primeiro lugar, é toda a ambição humana que se sacrifica, pela humildade voluntariamente abraçada, e que é inseparável do estado sacerdotal.

Em segundo lugar, é a santidade que se tem em vista. E quem diz santidade diz o sacrifício completo de toda felicidade que o mundo pode dar, através de sua sistemática bajulação dos sentidos, através de sua louca exaltação da concupiscência e do orgulho da vida.

E, em terceiro lugar, vem o sacrifício supremo, em que o sacerdote já não imola à justiça de Deus apenas a sua própria pessoa, mas o próprio Filho de Deus, feito Homem para resgatar os pecados do mundo. ♣

Extraído de: *O Legionário*.
São Paulo. Ano IX. N.173
(9 jun., 1935); p.5

Em função do altar

Em tempos especialmente convulsionados, alguns foram capazes de desafiar a morte para defender o Templo e purificar o altar. E nós, tendo nas igrejas o Santíssimo Sacramento sempre à nossa disposição... como agimos?

⇒ Pe. Alex Barbosa de Brito, EP



Em sua primeira epístola, São João afirma que “são três os que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue” (5, 7-8). E cada um deles corresponde a uma das três formas de se entrar no Céu: pelo Batismo de desejo, fruto do Espírito Santo; pelo Batismo de sangue, que é o martírio; e pelo modo ordinário, o Batismo de água.

Desses três testemunhos, o do sangue ocupa um lugar especial, pois para alguém vencer o próprio instinto de conservação e desafiar a morte por amor a Nosso Senhor Jesus Cristo e

à Religião – mesmo que não chegue a morrer realmente – é necessária uma graça muito particular.

Entretanto, uma alma que não viva sempre *em função* de Deus e da Igreja, dificilmente conseguirá, na hora da ameaça, corresponder a uma graça tão insigne. Um lance de olhos nas páginas das Sagradas Escrituras nos servirá de guia para meditar esta verdade.

Tirania de Antíoco Epífanes

Entre as inúmeras façanhas contidas nos dois livros dos Macabeus, quiçá nenhuma nos cause tanta admiração quanto a purificação do Templo

e a reconstrução do altar dos holocaustos. O episódio, narrado no primeiro livro, situa-se mais ou menos

A perseguição desencadeada por Antíoco, que chegou a profanar o Templo, levou os Macabeus a se insurgirem contra o tirano

CNG (CC by-sa 2.5)



Éfígie de Antíoco IV Epífanes; à direita, Judas Macabeu comanda o exército de Israel - Gravura por Gustave Doré (editada)



Arquivo Revista

175 anos antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo ao mundo.

Aconteceu que, muitos anos depois da morte de Alexandre Magno, o rei Antíoco IV Epífanes, cognominado pelo autor sagrado de “raiz de pecado” (I Mac 1, 11), invadiu e conquistou Jerusalém, trazendo ao povo hebreu, depositário das promessas divinas, dias de grande perseguição. Ora, segundo as Escrituras tal calamidade foi também consequência da infidelidade dos próprios judeus, alguns dos quais tinham seduzido seus correligionários a adotarem os costumes pagãos, afastando-se dos preceitos da Lei.

Seria por demais longo expor neste artigo todas as abominações cometidas então. Basta mencionar que, como castigo, o Senhor entregou em mãos do ímpio Antíoco o maior orgulho dos judeus, sinal da aliança que Ele mantinha com seu povo: o Templo de Jerusalém.

O tirano “penetrou cheio de orgulho no santuário, tomou o altar de ouro, o candelabro das luzes com todos os seus pertences, a mesa da proposição, os vasos, as alfaias, os turíbulos de ouro, o véu, as coroas, os ornamentos de ouro da fachada, e arrancou as embutiduras. Tomou a prata, o ouro, os vasos preciosos e os tesouros ocultos que encontrou. Arrebatando tudo consigo, regressou à sua terra, após massacrar muitos judeus e pronunciar palavras injuriosas. Foi isso um motivo de desolação em extremo, para todo o Israel” (I Mac 1, 21-25).

A perseguição, porém, não parou por aí. Assim como todos os outros povos submetidos ao domínio de Antíoco, os judeus deviam, por decreto real, adotar a religião idolátrica dos pagãos, sendo

Arquivo Revista



Matatias exerce justiça contra um judeu apóstata -
Gravura por Gustave Doré (editada)

*Aquele pugilo de
almas fiéis venceu
tantos os inimigos
internos quanto os
perigos externos,
e reconquistou a
Cidade Santa*

a morte o castigo para a desobediência. Muitos cederam, mas alguns resistiram. E é aqui que entram em cena Matatias e seus filhos.

A insurreição das almas fiéis

Matatias era um sacerdote respeitável da família de Joarib e residia em

Modin, cidade situada a aproximadamente quarenta quilômetros a noroeste de Jerusalém. Até lá chegaram os emissários do rei com ordens para obrigar os habitantes da região a sacrificar aos ídolos.

A insurreição de Matatias que, “no ardor de seu zelo” e “num ímpeto de justa cólera” (I Mac 2, 24), matou com as próprias mãos tanto o emissário real quanto o primeiro judeu daquele local desejoso de apostatar da verdadeira religião, faz parte das páginas que todo católico deveria ler nas Escrituras e é o marco com que se inicia a luta dos Macabeus em busca da libertação de seu povo.

Desterrados de suas aldeias, refugiados em desertos, organizados em bandos ou até em exércitos, a epopeia dos irmãos Macabeus e sua resistência armada contra a perseguição dos ímpios viu-se coroada de êxito. A respeito de Judas, que assumiu o comando das tropas de Israel após a morte de Matatias, afirmam as Escrituras:

“Assemelhava-se nas suas ações a um leão, e parecia um leãozinho, que ruge na caçada. Perseguiu e rebuscou com cuidado os traidores e lançou ao fogo os que perseguiam seu povo. Os maus recuaram diante dele transidos de medo, tremeram os que praticaram o mal e a salvação do povo firmou-se em suas mãos. Seus feitos exasperaram os reis, mas alegraram Jacó, e sua memória permaneceu eternamente abençoada” (I Mac 3, 4-7).

Aos poucos, aquele pugilo de almas fiéis venceu tanto os inimigos internos quanto os perigos externos, e reconquistou Jerusalém, a Cidade Santa.

Vitória e purificação do Templo

Após a vitória definitiva sobre os pagãos, diz o texto sagrado que Judas e



“Cristo expulsando os cambistas do Templo”, por Augusto Jernberg - Museu de Arte de Gotemburgo (Suécia)

seus irmãos subiram o Monte Sião e ali “contemplaram a desolação dos lugares santos, o altar profanado, as portas queimadas, os átrios cheios de arbustos que tinham nascido como num bosque ou sobre as colinas, os aposentos demolidos” (I Mac 4, 38).

Profundamente consternados, puseram-se a campo para purificar o Templo e reconsagrá-lo, escolhendo para isso “sacerdotes sem mancha e zelosos da Lei” (I Mac 4, 42). Reformaram todo o santuário, providenciaram os vasos sagrados e mobiliário para o culto, construíram um novo altar dos holocaustos e ali ofereceram sacrifícios.

As comemorações pela dedicação do altar se prolongaram por oito dias, e “reinou uma alegria imensa entre o povo” (I Mac 4, 58).

Um símbolo da união com Deus

Esses acontecimentos de tal forma uniram aqueles homens e mulheres que, por inspiração divina, Judas decretou que todos os anos se deveria celebrar a data, em memória da purificação do Templo e da reconstrução do altar. Assim, eles selaram seu desejo unânime de viver em função do Senhor.

É bonito notar que a primeira preocupação deles não consistiu em co-

memorar a vitória, mas em cuidar do Templo que havia sido profanado. E isso por quê? Porque suas vidas giravam em torno daquilo que era o símbolo da união com Deus: o altar.

E aqui há uma valiosa lição para nós. Mencionávamos anteriormente o testemunho de sangue, uma graça insigne. Pois bem, o melhor modo de sermos fiéis no momento em que esse testemunho se tornar necessário – como fizeram os irmãos Macabeus – é vivermos já e a todo momento em função do altar.

Que o nosso coração esteja sempre em Deus

Transportemo-nos, agora, a uma outra passagem das Escrituras e analisemos a cena em que Nosso Senhor Jesus Cristo, muitos anos depois, entra neste mesmo Templo restaurado pelos Macabeus (cf. Mc 11, 15-18; Mt 21, 12-13; Lc 19, 45-46). Ali, o que Ele encontra? Pessoas trocando dinheiro, vendendo e comprando mercadorias diversas... Em suma, pessoas que não vivem em função do altar, mas sim de seus próprios egoísmos. A estas, Nosso Senhor as trata com severidade, afirmando: “Minha casa é uma casa de oração, mas vós fizestes dela um covil

Somos como Judas Macabeu e os seus, que viviam em torno do altar, ou como aqueles que, por egoísmo, profanaram o Templo?

de ladrões” (Mt 21, 13). E em seguida dá-se a cena da expulsão, tão conhecida por todos.

Comparando esta cena evangélica com aquela narrada no Primeiro Livro dos Macabeus, é possível que nos perguntemos qual delas tem maior semelhança com nossa realidade pessoal.

Hoje, quantos locais de culto a Deus temos à nossa disposição? Com quanta facilidade podemos entrar numa igreja para rezar? Com quanta prodigalidade o Salvador cumpre sua promessa de ficar conosco todos os dias até o fim dos tempos (cf. Mt 28, 20), encerrando-Se pacientemente em milhares de sacrários por toda a extensão da terra? Contudo, como nos comportamos em relação a isso? Como Judas Macabeu e os seus, que viviam a serviço do altar, ou como os judeus da época de Nosso Senhor, que resolveram desprezar o Templo e, muitas vezes até o conspurcando, dedicar-se a seu próprio egoísmo?

É uma pergunta dura, mas necessária. Porque existe a profanação no seu extremo, mas também o processo que leva a ela. E o processo começa quando nós nos esquecemos do altar e passamos a viver desligados dele.

Que essas considerações nos sirvam para examinar nossa consciência e formular o firme propósito de estar com os corações sempre voltados para Deus, para a Igreja e para a vida da graça, certos de que o resto nos será dado por acréscimo (cf. Lc 12, 31). ♣



Tem valor a Missa de um mau sacerdote?

Bem poderíamos traduzir o título acima numa formulação mais simples: um bom canhão funciona nas mãos de um mau soldado? Ou: de que vale um canhão se usado por inimigos? Sabemos que, por muito inepto que seja o artilheiro, um bom canhão não perde sua qualidade, ainda que sua precisão fique prejudicada... Se, por um lado, isso é consolador, por outro se torna sumamente alarmante ante a hipótese de essa eficácia se voltar contra o próprio exército através de um traidor.

Deixemos a metáfora e adentremos no assunto proposto: que valor tem – se é que tem – a Missa celebrada por um sacerdote infiel?

Em primeiro lugar, a evidência confirma que tudo quanto faz um sacerdote virtuoso é melhor do que aquilo que procede de um ministro indigno. Cumpre saber se até a Missa obedece a tal constatação.

Considerada em si mesma, ensina o Doutor Angélico, a Missa possui um valor intrínseco que independe da santidade do celebrante. Assim, vista por esse aspecto, a Missa do mau sacerdote não vale menos que a do bom, pois “ambos realizam o mesmo Sacramento” (*Suma Teológica*, III, q.82, a.6). Uma vez que o sacerdote atua *in persona Christi* – seja pelas mãos de um santo, seja pelas de um ímpio –, a Paixão do Senhor sempre se renovará de forma incruenta na Santa Missa, com seus infinitos méritos, e será glorificado o Pai Celeste.

Acontece, porém, que na Missa há também as orações que o ministro eleva a Deus pelos fiéis, vivos ou defuntos. E a eficácia destas dependem, sim, do fervor e da santidade de quem celebra. Segundo o Aquinate, “neste caso, não há dúvida de que a Missa de um sacerdote melhor é mais frutuosa” (a.6). Quanto ao ministro infiel, a ele se aplicam as palavras da Escritura: “Até em sua oração é um objeto de horror” (Pr 28, 9).

Portanto, se de fato queremos nos beneficiar de todos os frutos do Santo

Sacrifício, a escolha entre assistir à Missa de um bom ou de um mau sacerdote não é tão indiferente quanto uma análise superficial, ainda que baseada em sólida Teologia, poderia insinuar.

Resta ainda o problema do “soldado traidor”... O canhão voltado contra o próprio exército pode lhe ser eficientemente nocivo?

Como ninguém, o sacerdote mau é capaz de ofender o Homem-Deus na Eucaristia. Só ele, ministro validamente ordenado, pode assumir esse papel nefando de carrasco da Divindade, obrigando o Rei Eterno a baixar dos Céus para ser insultado, pisoteado e ultrajado.

Todavia – por mais paradoxal que possa parecer –, devido ao valor intrínseco do Santo Sacrifício, até mesmo uma Missa celebrada com a finalidade de ultrajar a Deus O glorifica! Explica ainda São Tomás o motivo pelo qual Nossa Senhora permite que maus sacerdotes tenham o poder de consagrar: “Pertence à grandeza de Cristo que tanto os bons quanto os maus O sirvam, como a verdadeiro Deus, e que, pela sua providência, sejam ordenados para a sua glória” (a.5). Nem por isso, entretanto, o padre sacrílego deixa de ser réu de um pecado gravíssimo.

Em suma, o canhão – para retomarmos a metáfora inicial – será de excelente eficácia sempre que acionado, e os objetivos primordiais serão sempre atingidos. Mas quantas outras maravilhas não poderá ele realizar se bem utilizado!... ♣



A Missa possui um valor intríseco, que independe de quem a celebra

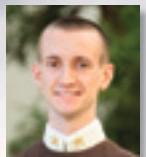
Missa de São Gregório Magno - Museu do Convento de Santa Catarina, Utrecht (Países Baixos)



Abandono completo à vontade divina

Foi durante terríveis sofrimentos em território russo que este sacerdote pôde realizar todo o apostolado que desejava. Eram os desígnios de Deus a seu respeito, cumprindo-se como ele menos cogitava.

⟳ Guilherme Thiago Motta



Sabemos que o itinerário da vida humana não se compõe somente, nem sobretudo, de alegrias e prazeres, mas está muitas vezes pontuado por sofrimentos inenarráveis e situações desastrosas, que colidem com suas aspirações...

Como se conformar à vontade divina nessas circunstâncias? A história de um sacerdote polonês, o Pe. Walter Joseph Ciszek, SJ, traz-nos um admirável testemunho espiritual a esse respeito.

“Deus me quer na Rússia”

Originário de uma família polonesa, Walter Ciszek nasceu nos Estados Unidos em 1904 e, aos vinte e quatro anos, ingressou na Companhia de Jesus.

Um ano após sua entrada na Ordem, soube de uma convocatória de Pio XI solicitando voluntários para o *Collegium Russicum*, em Roma, o qual se destinava a preparar jovens clérigos para o apostolado na terra dos tsares. Logo que ouviu o apelo do Pontífice, sentiu em seu interior o chamado de Deus e, após comunicar ao superior tal anelito e obter sua aquiescência, partiu em direção à Cidade Eterna.

Durante seus estudos em Roma, Walter aprendeu inclusive a celebrar a Missa no rito bizantino. Contudo, após sua ordenação presbiteral em 1937,

teve uma das maiores decepções de sua vida: era impossível enviar apóstolos à Rússia naquele momento. Designaram-no então para uma missão de rito oriental em Albertyn,¹ na Polônia.

Malgrado as contrariedades quanto ao plano originário, restavam esperanças no coração do jovem jesuíta. “Jamais duvidei”, afirmaria, “de que era vontade de Deus que eu um dia me encontrasse na Rússia”.²

As perplexidades da vida

O tempo parecia transcorrer sem grandes preocupações em Albertyn até setembro de 1939, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial. O exército alemão logo se apossou de Varsóvia, e a União Soviética, que vinha tomada conta da Polônia Oriental, pouco depois chegou à cidade onde o Pe. Ciszek desenvolvia seu apostolado.

Em face da perseguição e das tribulações pelas quais passavam os fiéis, incessantes perguntas invadiram seu pensamento: Como Deus podia tolerar tais calamidades? Por que ao menos não permitia que seu rebanho fosse apascentado e confortado em meio àquele infortúnio? O que o Senhor, tendo consentido que tudo aquilo acontecesse, esperava do povo simples e humilde de Albertyn?

Diante daquela hecatombe, comprehendeu uma importante verdade: quando vivemos a rotina tranquila de todos os dias, sentimo-nos seguros e nos acomodamos neste mundo, nele buscando nosso sustento físico e moral; e paulatinamente nos esquecemos de que este é concedido pela Providência Divina. Como resultado, apenas nos recordamos de nosso Pai Celeste e O buscamos nas situações de crise, em geral “com a atitude de crianças birrentas e teimosas”.³

Ora, Deus não é, nem pode ser, autor ou causa do mal e do pecado. Mas Ele muitas vezes Se utiliza de tragédias para recordar à nossa natureza decaída sua presença e seu amor para conosco. Por isso cabe nos conscientizarmos de que tudo quanto nos sucede é, de fato, permitido pela Providência.

Como discernir a vontade divina?

Certa noite veio ao encontro do Pe. Ciszek um grande amigo de classe, o Pe. Makar, desejoso de fazer-lhe um convite. Queria indagar-lhe sobre a possibilidade de partirem para a Rússia, dado que se planejava o cancelamento das missões em Albertyn. Os soviéticos estavam contratando operários para as fábricas comunistas, e o plano consistia em aproveitar-se da

ocasião e se alistar nesses mutirões. A euforia do Pe. Walter não encontrou limites! Afinal, a missão com a qual sonhara se delineava no horizonte.

Contudo, na manhã seguinte assaltaram-no dúvidas que lhe turbavam o espírito: “Não estaria simplesmente seguindo meus próprios desejos e fingindo que se tratava da vontade de Deus?”⁴ Sobretudo, atormentava-lhe a ideia de que estivesse abandonando seus paroquianos de Albertyn. Afinal, embora a missão de rito oriental se encontrasse prestes a terminar, a paróquia latina se mantinha.

Seu coração vacilava. Quando se propunha a permanecer na Polônia, perturbava-se, apesar de rezar a Deus; quando optava por partir para a Rússia, então se acalmava. Nesses instantes ele compreendeu, de forma sensível, uma verdade consagrada pela espiritualidade católica: “Que a vontade de Deus pode ser discernida pelos frutos do espírito por ela produzidos; que a paz na alma e a alegria no coração são dois desses sinais, desde que não se baseiem nos desejos do eu, mas venham de um compromisso pleno e de uma abertura exclusiva a Deus”.⁵

Assim, deliberou partir sem mais demoras.

“Carregue a sua cruz e Me siga”

Tudo parecia caminhar sem empecilhos... Entretanto, ao chegarem à Rússia

sia eles se depararam com uma situação bem diferente da que imaginavam. A hospedagem era precária, o trabalho árduo e o salário mesquinho. Mas tudo isso permaneceria suportável, caso não constituísse adendo a uma realidade muito mais preocupante: em parte por medo do governo, em parte por tibieza, o povo que lá vivia não queria falar de Deus nem da Religião, e muito menos se interessava em praticá-la.

O plano de apostolado que tanto almejavam realizar desfez-se em poucos instantes. Só com muito custo podiam celebrar a Missa, e o faziam floresta adentro, porque era expressamente proibido pelo governo. A decepção cedeu lugar à desilusão, e esta, a um terrível desânimo.

A acédia constitui um dos piores males que podem acometer uma alma, pois a leva a desconfiar e afastar-se de Deus. O Pe. Walter bem o esclarece: “Trata-se da tentação de dizer: ‘Esta vida não é a que eu pensei que seria. Não era isso o que eu desejava. Se soubesse que seria assim, jamais teria feito essa escolha, jamais teria feito essa promessa. O Senhor que me perdoe, mas quero voltar atrás’”⁶.

O sofrimento revela-se como marca distintiva de todo católico: “Se alguém quer vir após Mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-Me” (Lc 9, 23). É necessário, pois, cumprir a vontade de Nosso

Senhor, mas não falsamente, segundo nossos critérios e nossa imaginação.

A oração: única solução

Em 22 de junho de 1941, a Alemanha declarou guerra à Rússia. Naquela mesma noite, a polícia secreta dirigiu-se aos barracões onde habitavam os trabalhadores da madeireira para os prender. Entre eles se encontravam o Pe. Walter e seus dois amigos sacerdotes, todos declarados suspeitos de espionagem.

O missionário passaria agora por inúmeras dificuldades: a escassez de alimentos, a repugnante imundície do cárcere, a sensação de desamparo. Mas o pior estava ainda por começar. Transferido para a temida prisão de Lubianka, em Moscou, por ser considerado um agente do Vaticano, o sacerdote teve de suportar o encarceramento numa pequena cela, onde devia passar o dia inteiro de pé, sujeito a terrível solidão, a uma rotina rigorosa e a constantes interrogatórios.

O Pe. Walter confessa que mantinha sentimentos de otimismo e auto-confiança, e que se ufanava em permanecer firme diante dos interrogadores, mas logo veio a reconhecer que fracassara na tentativa de convencê-los de sua inocência. Naquela ocasião, aprendeu mais do que nunca a voltar sua alma à oração.

De fato, quem se põe sempre na presença do Senhor, comprehende que a

Transferido para a temida prisão da Lubianka, ele teve de suportar o encarceramento numa pequena cela, sujeito a terrível solidão, a uma rotina rigorosa e a constantes interrogatórios

Pe. Walter Ciszek como prisioneiro na Rússia





prece é o único sustento em todas as circunstâncias da vida, mas sobretudo nos momentos de crise e desalento, pois “se fôssemos capazes de atingir a união com Deus na oração, perceberíamos a sua vontade com clareza e não desejariamos nada além de conformar a nossa vontade com a d’Ele”⁷.

Humildade e abandono a Deus

Sua confiança sobrenatural, todavia, ainda vacilava: “Estava cansado do esforço, cansado da luta, cansado sobretudo de resmungar no silêncio da [cela] solitária [...]. As dúvidas me cansavam, bem como os medos, a ansiedade e o estresse constantes”⁸.

Em determinado momento, se apresentou um homem simpático, oferecendo dar-lhe liberdade caso cooperasse com o governo soviético. Como o padre hesitasse muitas vezes em sua decisão, o interrogador chamou-o certo dia, mostrando alguns documentos que deveriam ser assinados. Para sua surpresa, aquelas páginas continham delitos que ele jamais cometera. Deparou-se, então, com uma encruzilhada: a morte e a tortura caso se negasse a colaborar, ou a tão esperada “liberdade” caso capitulasse, rubricando os papéis.

Recordou-se, então, da promessa feita por Nosso Senhor de que o Divino Paráclito falaria através dos cristãos levados a juízo. “Rezei”, testemunha o Pe. Ciszek, “para que o Espírito Santo me conduzisse... e não senti nada”.⁹ O pressentimento da morte iminente, a sensação do abandono divino, o desespero e o medo perante o interrogador, deixaram-no tão abalado que imediatamente



Como conseguira sobreviver durante anos em condições atrozes? Era a pergunta que lhe faziam quando voltou a seu país

Pe. Walter Ciszek no dia em que retornou aos Estados Unidos

começou a firmar uma por uma as folhas que continham as falsas acusações contra ele.

Ao terminar de assiná-las, dirigiu-se ao quarto atormentado e tenso a ponto de sofrer espasmos. Mas aos poucos acalmou-se e voltou-se à oração. Por que agira assim? “A resposta estava numa única palavra: ‘eu’. Eu me sentia envergonhado porque sabia no íntimo que havia tentado realizar muita coisa sozinho e havia fracassado. [...] Eu passara muito tempo em oração ao longo dos anos, havia conseguido apreciar a Providência e ser grato a Deus por ela, por seu cuidado comigo e com toda a humanidade, mas nunca havia realmente me abandonado por completo”¹⁰.

Nisto consistiu seu principal equívoco: confiara demasiado em si mesmo, acreditando na própria capacidade

de superar, por si só, todos os males. Donde ele concluía: “Fora Deus quem me provara com aquela experiência, qual ouro na fornalha; desejava ver o quanto do meu ‘eu’ ainda subsistia após todas as orações e todas as profissões de fé na sua vontade”¹¹.

Cumprimento da vontade divina

Apesar de sua contribuição com o governo russo, a sua “liberdade” tão esperada ainda estava longe de concretizar-se. Teria que permanecer mais quatro anos respondendo a intermináveis interrogatórios em Lubianka, sujeito também a quinze anos de trabalhos forçados na Sibéria e mais três de suposta liberdade em terras russas.

Contudo, foi durante os terríveis sofrimentos na Sibéria e em liberdade no território russo que ele pôde realizar todo o apostolado que desejava: voltar a celebrar a Santa Missa, ouvir Confissões, batizar, confortar os doentes e atender os moribundos. Eram os desígnios de Deus a seu respeito, cumprindo-se como ele menos cogitava.

Como conseguira sobreviver durante anos em condições tão atrozes? Era a pergunta que lhe faziam os entrevistadores, logo que retornou aos Estados Unidos no dia 12 de outubro de 1963. “Providência Divina”, respondia o Pe. Walter Ciszek. “Pude ver muita gente sofrer nos campos e nas prisões; eu mesmo quase me desesperei. Aprendi, porém, a buscar consolo em Deus nessas horas negras e a confiar somente n’Ele”¹².

A ninguém Deus pede o impossível; para realizar a sua vontade, Ele apenas exige o abandono em suas mãos. ♣

¹ Atual Slonim, situada na Bielorrússia.

² CISZEK, SJ, Walter Joseph; FLAHERTY, SJ, Daniel L. Pe-

los vales escuros. São Paulo: Quadrante, 2018, p.32.

³ Idem, p.27.

⁴ Idem, p.33.

⁵ Idem, p.37.

⁶ Idem, p.46.

⁷ Idem, p.80.

⁸ Idem, p.87.

⁹ Idem, p.89.

¹⁰ Idem, p.93.

¹¹ Idem, p.97.

¹² Idem, p.14.



Todos somos sacerdotes?

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§§ 1591-1592 Toda a Igreja é um povo sacerdotal. Graças ao Batismo, todos os fiéis participam do sacerdócio de Cristo. Esta participação se chama “sacerdócio comum dos fiéis”. [...] O sacerdócio ministerial difere essencialmente do sacerdócio comum dos fiéis porque confere um poder sagrado para o serviço dos fiéis.

São Pedro afirma em sua primeira epístola que os batizados constituem “uma raça escolhida, um sacerdócio régio” (2, 9). Esse sacerdócio comum a todos os fiéis exige que nos consagremos ao serviço do Senhor e da Igreja, pois nos torna aptos a “oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (2, 5). Significa, portanto, um compromisso para a santidade pessoal e para o apostolado, anunciando Nossa Senhora por meio das boas obras de uma vida cristã coerente, ornada de sacrifícios e fortalecida pela frequência aos Sacramentos.¹

Entretanto, alguns concluem desacertadamente ser insignificante a diferença entre este “sacerdócio régio” a que fomos elevados pelas águas regeneradoras, e o sacerdócio ministerial dos presbíteros e Bispos.

No Livro do Éxodo o povo eleito é chamado “reino de sacerdotes e uma nação consagrada” (19, 6). Contudo, já entre eles os membros da tribo de Levi foram escolhidos como sacerdotes em favor dos homens, “para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados” (Hb 5, 1b).

Daqueles descendentes de Abraão segundo a carne, nós, católicos, somos os verdadeiros e únicos continuadores fiéis, conforme enfatiza São Paulo: “Só os que têm fé é que são filhos de Abraão” (Gal 3, 7). E entre os batii-

zados há igualmente alguns varões “escolhidos e consagrados pelo Sacramento da Ordem, por meio do qual o Espírito Santo os torna aptos a agir na Pessoa de Cristo-Cabeça”².

O oferecimento de “dons e sacrifícios” feito pelo presbítero da Igreja Católica não resulta, portanto, de uma delegação dos fiéis. Na ordenação sacerdotal ele recebe “um poder que Deus não deu nem aos Anjos nem aos Arcanjos”,³ a fim de ser mediador entre o Senhor e seu povo (cf. Hb 5, 1a). É este um poder imenso, segundo afirma Santo Ambrósio,⁴ porquanto o padre faz em nome de Jesus Cristo tudo quanto este fazia em sua vida terrena.

Sobretudo, o presbítero opera na Santa Missa a transsubstancialização do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo. Homem algum é capaz de realizar tão estupendo milagre: “O sacerdote, figura de Cristo, pronuncia estas palavras, mas a sua eficácia e a graça são de Deus”,⁵ explica São João Crisóstomo. E o *Catecismo* sintetiza: “É Cristo mesmo, Sumo Sacerdote Eterno da Nova Aliança, que, agindo pelo ministério dos sacerdotes, oferece o sacrifício eucarístico”⁶.

Assim, como efeito da multiplicação das ordenações sacerdotais, “na mais pobre igreja de uma aldeia, no momento em que se celebra a Missa, se oferece a Deus um culto infinitamente

superior ao que era oferecido por Adão inocente no Paraíso Terrestre”⁷ ♣

¹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.10.

² CCE 1142.

³ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *De sacerdotio*. L.III, n.5: PG 48, 643.

⁴ Cf. SANTO AMBRÓSIO. *De pénitentiae*. L.I, c.8, n.34: PL 16, 476-477.

⁵ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *De proditione iudei*. Homilia I, n.6: PG 49, 380.

⁶ CCE 1410.

⁷ GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *El Salvador y su amor por nosotros*. Madrid: Rialp, 1977, p.179.

“Missa de São Martinho de Tours” - Museu Episcopal de Vic (Espanha)



Francisco Leceras

Pela Santa Igreja, estou pronto a sofrer

Para este varão, derramar seu sangue era o preço para que de um cataclismo raiasse o albor de uma ressurreição.



Ir. Elizabeth Veronica MacDonald ↗

“Olha, Margaret!” De uma janela gradeada na Torre de Londres, Sir Thomas More chamava a filha para contemplar a cena: cinco sacerdotes – John Haile, um pároco secular, Richard Reynolds, monge brigídio e renomado teólogo, e três priores cartuxos, John Houghton, Robert Lawrence e Augustine Webster, trajando o alvo hábito de sua Ordem – estavam sendo levados para o Tyburn, infame cadafalso a alguns quilômetros de distância e derradeiro destino daqueles que ousavam desafiar a vontade real.

Naquele 4 de maio de 1535, por recusar a jurar o chamado *Ato de supremacia* pelo qual o monarca reinante, Henrique VIII, usurpava o poder do Papa a fim de se proclamar cabeça da Igreja da Inglaterra – novidade cismática promulgada em todo o reino –, estes varões, submetidos a uma farsa de julgamento e condenados por alta traição, seriam enforcados e esquartejados.

Contudo, não era para assistir a um espetáculo mórbido que Thomas More chamava Margaret. Naquele momento o ex-chanceler da Inglaterra, preso também por se recusar a separar-se da unidade da Santa Igreja, enfrentava os argumentos da filha que buscava persuadi-lo a jurar o Ato de supremacia. Com efeito, a maioria dos membros das classes pro-

eminentes haviam feito vistos grossas à heresia para salvar a própria pele.

Mas ele bem sabia que não seriam seus raciocínios de advogado ou de apologeta que convenceriam a filha ante a perspectiva do golpe do machado do verdugo que logo os separaria, e sim o testemunho vivo de um amor mais forte do que a morte: “Olha! Não vês que aqueles abençoados padres vão tão alegres para a morte, quais noivos às suas bodas?”¹

Com efeito, aqueles confessores da Fé, avançando com passo firme e semblante luminoso para iniciarem sua paixão, proclamavam que a Igreja é imortal e indefectível e que a vitória está com aqueles que a defendem.

O líder incontestável do conjunto – à maneira de um pai – era Dom John Houghton, de quarenta e oito anos, prior da Cartuxa da Saudação da Santíssima Mãe de Deus, erigida perto de Londres.

Ele seria o primeiro desse conjunto a sofrer o suplício e, mais ainda, o primeiro desde os tempos pagãos a morrer na Inglaterra por ser católico, tornando-se o protomártir da Revolução Protestante no país e digno protótipo de centenas – senão milhares – de pessoas que entregaram suas vidas entre os anos de 1534 e 1680 em oposição às forças satânicas que fecharam todos os



Dario Ialorenzi

mosteiros, profanaram suas instituições mais sagradas e os consagraram à heresia pela força da lei.

Um Santo surgido do anonimato

Diz um velho ditado: “*Cartusia sanctos facit, sed non patefaci* – A Cartuxa faz Santos, mas não os torna conhecidos”. Quando em 1084, sob inspiração divina, São Bruno fundou *La Grande Chartreuse* nos picos nevados perto de Grenoble, França, ele assinalou aos seus seguidores que o serviço prestado pela Ordem à Santa Igreja e à sociedade se realizaria na solidão e no anonimato. Assim, Houghton poderia ter passado quase despercebido para a posteridade se os protagonistas daquilo que os historiadores não hesitam em chamar de “devastação da Inglaterra”² não tivessem batido à sua porta.

Nascido em Essex, da pequena nobreza, ele cursou Direito em Cambridge. Por volta dos vinte e quatro anos foi ordenado sacerdote secular, mas, antes de atingir os trinta, a busca de uma entrega mais radical levou-o à Cartuxa de Londres. Quando nossa história começa, além de seu prior, era visitador da província inglesa de sua Ordem, ou seja, a cabeça de nove pujantes mosteiros.

Houghton costumava dizer que tinha sob seu encargo anjos em vez de

homens, muitos dos quais eram jovens e de nobre estirpe. Neles ainda vibrava a convicção de que sua terra natal constituía especial propriedade da Santíssima Virgem, o “dote de Maria – *dos Mariæ*”, título que remonta à consagração da nação feita pelo Rei Ricardo II em 1381.

Em Houghton eles contemplavam outro Bruno: zeloso quanto aos ofícios litúrgicos, exemplo na ascese, perito formador, sábio, amante dos livros. Ele personificava a dignidade de seu cargo, mas, se um religioso se encontrava abatido, procurava-o como amigo e irmão, dizendo-lhe que tinha deixado o priorado na sua cela. Um monge do mosteiro assim o descreve: “Era de baixa estatura e de porte elegante, de recatado olhar e maneiras modestas, doce no falar, casto no corpo, humilde de coração, amável e querido por todos”.³

“O negócio urgente do rei”

À sua maneira, os chamados “comissários reais” – Thomas Cromwell e comparsas – também o queriam. O malvado soberano se encontrava numa enrascada, eufemisticamente chamada de “negócio urgente do rei”. Ele procurava de Roma o anulamento de seu casamento com Catarina de Aragão – que não lhe havia dado um herdeiro homem – para se casar com a escandalosa Ana Bolena. Entretanto, sendo válido o matrimônio, nem o Papa poderia desfazê-lo.

Havia mais. O povo amava a virtuosa princesa que deixara a Espanha para fazer da Inglaterra seu porvir: fiel católica, protetora do povo, patrona das universidades, aplaudida sempre que saía às ruas e especialmente benquista então por sua constância no infortúnio. Aquela, como quase todas, não era uma revolta surgida da plebe.

Incitado pelo orgulho e pela sensualidade, o rei pôs-se a derrubar obstáculos. “Ninguém poderia prever,

quando Henrique VIII encontrou Ana Bolena pela primeira vez em 1522, que o rumo seguido pelo mundo durante séculos estava em jogo. Por mil anos ou mais houve reis que defendiam o Cristianismo apenas com os lábios, quebrando os votos matrimoniais, e alguns morreram em seus pecados; no entanto, nunca antes um rei esteve disposto a rasgar a túnica inconsútil da Igreja para fazer de uma mulher dessa espécie uma rainha”.⁴

O monarca eliminava assim o precioso legado do Papa São Gregório Magno que, no ano de 596, enviara quarenta monges para cristianizar



Ao divórcio de Henrique VIII, seguiu-se o cisma e um rastro de sangue e destruição onde ele encontrasse resistência

“Henrique VIII e Catarina de Aragão ante os legados papais”, por Frank Salisbury - Palácio de Westminster, Londres; na página anterior, São João Houghton - Abadia de Belmont, Hereford (Inglaterra)

a ilha-nação. Nomeando o herege Thomas Cranmer como novo Arcebispo de Canterbury, dava início a uma metódica pilhagem do país, com as receitas, naturalmente, indo parar nos cofres reais. Contudo, mais do que um saque material, houve uma rapinagem

da própria alma da nação. Ao proclamar-se chefe da Igreja da Inglaterra, Henrique seguiu impondo seus últimos heréticos, deixando um rastro de sangue e destruição onde encontrava resistência.

A vida monástica havia fincado profundas raízes ali. Em meados do século XVI, de cada cinquenta homens adultos um havia ingressado na vida religiosa, nos cerca de novecentos mosteiros disseminados pela verdejante paisagem inglesa. O objetivo dos comissários reais consistia em oficializar no âmbito clerical o reconhecimento do novo *status* do rei, que acabara de depor o Papa.

O convento de solitários, na periferia da cidade, era o elo entre a sociedade e o Céu, foco de influência e de irradiação sobrenatural. Pela sua importância, eles queriam fisgá-lo para o cisma.

Celestial anúncio

Não foi de boca em boca que chegou à casa dos cartuxos a notícia de que uma tempestade estava para desabar, como relatado nos anais do mosteiro: “Aconteceu no ano do Senhor de 1533, precedente àquela procela, que um cometa foi visto no ar, estendendo seus raios clara e manifestamente até a nossa casa. [...] Fato inédito, nunca antes visto. No mesmo ano, o nosso venerável padre prior [Houghton] saiu da igreja depois do Segundo Noturno e, entrando no cemitério, viu no ar um globo como que de sangue, de grande tamanho, e, apavorado com a visão, caiu por terra”.⁵ Ele não esperaria muito para entender o sentido do celestial anúncio.

Na primavera de 1534 os comissários chegaram ao convento, convocando o prior a dar seu consentimento ao novo “casamento” do rei. Houghton declarou que não conseguia compreender como o matrimônio com a Rainha Catarina, celebrado de acordo com os

Reprodução



ritos da Igreja, poderia ser anulado, resposta que resultou em um mês de prisão, juntamente com Dom Humphrey Middlemore, hoje Beato.

Grande foi a alegria no convento quando, após negociações, ambos foram libertados. Entretanto, como bom capitão, Houghton pôs-se a preparar seus subalternos. Passados alguns meses, tendo duas vezes voltado ao rei com as mãos vazias, os comissários retornaram ao mosteiro com redobradas exigências. A questão agora não era apenas a “sucessão”, mas a “supremacia”, isto é, a rejeição da autoridade papal.

Houghton temia pelos seus mais do que por si. Se fossem dispersos, perseverariam? Sob coração, resistiriam? Aprisionados e torturados, seriam fiéis até o sangue? Reunindo-os, propôs-lhes um tríduo: o primeiro dia seria dedicado à Confissão sacramental; o segundo, à reconciliação mútua; no terceiro seria celebrada uma Missa ao Espírito Santo.

No segundo dia, o prior disse-lhes: “Meus caríssimos padres e irmãos: o que vós me virdes fazer, rogo-vos que façais também”.⁶ Então se levantou e, dirigindo-se ao mais velho da casa, de joelhos implorou perdão por todas as faltas que em algum momento tivesse cometido contra ele. Reciprocamente, o ancião pediu-lhe seu perdão. Entre lágrimas, o prior fez o mesmo com os demais religiosos, até o último irmão leigo. Assim descreve a cena uma testemunha ocular: “Todos o seguiram, sucessivamente, cada qual implorando perdão ao outro. Oh, que dor, que profusão de lágrimas! [...] A partir desse dia, quem olhasse para o semblante de nosso santo pai – que nunca antes, em circunstância alguma, havia mostrado sinais de mudança – perceberia o quanto ele sofria”.⁷

Era angústia pelo estado cataclísmico da Santa Igreja em

sua amada terra, a perspectiva da morte iminente e a incógnita de como todos a enfrentariam. Nesse pungente transe foi-lhe concedida uma graça insigne.

O Espírito Santo, o Consolador

No final do tríduo, durante a Missa em honra do Espírito Santo, “um rumor como que de uma brisa leve, suave para os sentidos externos, mas muito operante internamente, foi observado e ouvido por muitos com seus ouvidos corporais, e sentido e haurido por todos com os ouvidos do coração. Nessa doce modulação o venerável prior, tomado pela plenitude da iluminação divina e desfeito em lágrimas, foi incapaz por muito tempo de prosseguir com a Missa. O convento também ficou atônito, ouvindo a voz e sentindo sua maravilhosa e doce operação no coração”.⁸

O fato lembrava a promessa de Nosso Senhor Jesus Cristo antes da Paixão: “Eu pedirei ao Pai, e Ele vos dará um outro Defensor” (Jo 14, 16). Eles estavam preparados para a tempestade que em breve se desencadearia.

Uma esplêndida coroa de glória

Os sequazes do rei, após impor durante meses ao mosteiro um regime de cárcere, de cruel vigilância e de nefastas proposições, constataram que não conquistariam aqueles homens. Seria necessário eliminá-los. Foi então que, no dia 4 de maio de 1535, o futuro mártir Thomas More avistou da janela da prisão a cena que o comoveu: varões que, embora amarrados, eram verdadeiramente livres.

Atados a tábulas de madeira e cruelmente arrastados por cavalos pelas ruas lamacentas de Londres, o santo prior e seus companheiros chegaram em Tyburn com os corpos machucados, mas com seus princípios intactos. Houghton dirigiu-se à multidão, entre a qual misturavam-se membros da corte real ávidos porvê-lo renegar: “Nossa Santa Mãe, a Igreja, decretou o contrário do que o rei e o Parlamento decretaram e, portanto, em vez de desobedecer à Igreja, estou pronto a sofrer”.

Num gesto de perdão cristão, ele abraçou seu alço e pediu licença para terminar sua oração, o Salmo 31, que canta: “In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum”. Em seguida foi enforcado e deixado cair ainda vivo. Abriram-lhe então o abdômen com um punhal e arrancaram suas entranhas, lançando-as ao fogo. Enquanto o carrasco se preparava para lhe tirar o coração, exclamou com suavidade: “Bom Jesus, o que farás com meu coração?”¹⁰

Naquele mesmo dia, os lacaios de Cromwell regressaram ao mosteiro de Houghton para instar à capitulação os monges, os quais encontravam-se calmos como se o prior ainda estivesse em seu meio. Preparam um dos braços do mártir na porta do convento, preciosa relíquia que os religiosos se apressaram em recolher. Nos



John Salmon (CC-by-sa 2.0)

Estando próximo o momento do martírio, Houghton preparou os seus com um tríduo, em cujo término Se manifestou o Espírito Santo

Missa ao Espírito Santo na Cartuxa da Saudação da Santíssima Mãe de Deus - Convento de Tyburn, Londres



Francisco Lencaros

O martírio de São João Houghton e seus companheiros foi de natureza atroz. Mas ao subir com serenidade o cadasfalso, ele revelou pertencer ao filão de almas chamadas a sofrer para obter a vitória da Santa Igreja

Martírios dos cartuxos da Inglaterra - Cartuxa de Valldemossa (Espanha)

meses dramáticos que se seguiram, mais quinze cartuxos do mesmo cenóbio suportaram interrogatórios, prisão, tortura e martírio.

Nesse período, um monge que morrera de causas naturais apareceu a um outro e lhe disse: “Estou bem, estou na glória celestial, [...] mas numa glória muito menor e inferior à dos nossos padres que sofreram, pois eles gozam de grande glória, coroados com a palma do martírio. E nosso padre prior tem uma coroa mais esplêndida que os demais”.¹¹

Uma futura ressurreição para a Fé?

Afirma um historiador: “O assassinato de Houghton foi de natureza singularmente atroz. Sua história é a demonstração viva dos extremos a que Henrique e Cromwell estavam preparados a chegar, e das profundidades às

quais estavam dispostos a descer, para quebrar a vontade da Inglaterra”¹².

Apesar de seu atual desfiguramento, ainda paira sobre a Inglaterra “um perfume de Anjos que por ali passaram,”¹³ segundo afirmou Dr. Plínio Corrêa de Oliveira. O sacrifício de uma multidão de homens e mulheres de todos os estados de vida, que derramaram seu sangue pela Fé durante a Revolução Protestante, permanece como “oferta de aroma agradável” (Gn 8, 21).

Hoje, junto ao local do antigo patíbulo de Tyburn, existe um convento de contemplativas beneditinas, cuja vida de perpétua Adoração Eucarística está dedicada a honrar esses mártires e impetrar a conversão do país. Não faltam palavras de Santos anunciando que isso se realizará, como as relatadas pelo Arcebispo de Birmingham, William Bernard Ullathorne, a propósito de sua visita a São João Maria Vianney em

1854. Após ouvir atentamente o prelado relatar as dificuldades sofridas pelos católicos na nação anglicana, o Cura d’Ars disse “com uma voz tão firme e confiante como se estivesse fazendo um ato de fé: ‘*Mais, monseigneur; je crois que l’Église d’Angleterre retournera à son ancien splendeur* – Mas, monsenhor, acredito que a Igreja da Inglaterra retornará ao seu antigo esplendor’”¹⁴.

Tal reviravolta ocorrerá de acordo com a livre misericórdia de Deus e de Maria Santíssima, mas, por vontade divina, pesa a cooperação dos justos. Há almas chamadas a sofrer de maneira especial para obter as graças necessárias para o cumprimento do designio de Deus para a humanidade. E São John Houghton revelou ser pertencente a esse filão de almas sofredoras e confiantes na vitória final da Santa Igreja, ao subir serenamente o cadasfalso e abraçar seu verdugo. ✡

¹ Cf. HENDRICKS, OCART, Lawrence. *The London Charterhouse. Its Monks and Its Martyrs*. London: Kegan Paul Trench, 1889, p.150-151.

² COBBETT, William. *A History of the Protestant Reformation in England and Ireland*. 2.ed. New York: Benziger Brothers, 1905, p.21.

³ BRENNAN, Malcolm. *Martyrs of the English Reformation*. Saint Marys (KS): Angelus, 1996, p.5.

⁴ WALSH, William Thomas. *Philip II*. Charlotte (NC): TAN, 1987, p.36.

⁵ CHAUNCY, OCART, Maurice. *The History of the Sufferings of Eighteen Carthusians in En-*

gland. London: Burns & Oates, 1890, p.44.

⁶ Idem, p.50.

⁷ Idem, p.50-51.

⁸ Idem, p.51.

⁹ MEYER, G. J. *The Tudors*. New York: Delacorte, 2010, p.216.

¹⁰ HENDRICKS, op. cit., p.154.

¹¹ CHAUNCY, op. cit., p.74.

¹² MEYER, op. cit., p.209-210.

¹³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Perfume de Anjos que passaram...* In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano I. N.9 (dez, 1998), p.35.

¹⁴ ULLATHORNE, OSB, William Bernard. *Letters*. London: Burns & Oates, 1892, p.52-53.



Derradeiros atos de piedade

Sempre devota do Sagrado Coração de Jesus, a piedade de Dona Lucilia via-se interiormente ligada a uma igreja a Ele dedicada, predileta entre suas devoções, da qual quis despedir-se, pressentindo ser chegada a hora do encontro com Deus.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Para quebrar a monotonia de um dia sempre igual ao outro, Dr. Plinio saía de vez em quando com sua mãe a passear pela calçada da Rua Alagoas,¹ onde moravam. Nunca a levava até a Praça Buenos Aires, com receio de atravessar com ela a supermovimentada Avenida Angélica. Seguia, pois, em sentido oposto à referida praça, por uma rua naquele tempo muito menos frequentada que hoje em dia, onde ainda subsistia grande número de belas casas ajardinadas.

Lembranças dos últimos passeios a pé

Quando o sol diminuía o rigor de seus raios, iam andando os dois, bem devagarzinho, entretendo-se numa lixeira “prosinha”. Dona Lucilia gostava muito de apreciar as flores dos sucessivos jardins pelos quais passava, considerando sempre o aspecto superior do que fosse digno de admiração. Era a delicadeza de uma rosa, ou o vivo colorido de outra, ou o franzido das pétalas de um cravo, ou o suave perfume exalado por elas. Assim, considerando as minúcias sem conta da vida de todos os dias, mantinha as vistas sempre voltadas para as alturas.

Se a vegetação dos jardins procurava irromper através das grades que os

cercavam, e alguma florzinha bonita se inclinava ao alcance de sua mão, ela a olhava com agrado, aspirava-lhe o perfume e fazia comentários com seu filho. Ele concordava, mas achando muito mais bonita a alma de sua mãe do que a própria flor...

No fundo, em seus comentários minuciosos, coerentes, maravilhados, Dona Lucilia se reportava implicitamente ao Divino Criador daquelas pequenas maravilhas.

Derradeira visita à “sua” Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Há muito tempo não visitava ela a igreja com a qual sentia enorme consonância, cenário de tantos colóquios seus com Nosso Senhor, e à qual se referia como a “minha” Igreja do Sagrado Coração de Jesus.² Certo dia Dr. Plinio lhe propôs uma ida àquele santuário, a fim de rezar ali o tempo que quisesse. A este grato convite aquiesceu ela de imediato.

A intimidade indizivelmente respeitosa de Dona Lucilia com seu Divino Mestre tomava colorido próprio quando ela atravessava aqueles sagrados umbrais. De fato, o ambiente sacramentalmente sério do interior desse templo é muito propício à meditação e à reflexão, para o que contribui a

agradável proporção entre altura, largura e comprimento do belo edifício.

A luz de seus vitrais difunde cores matizadas, que o enchem de acolhedor-a penumbras. E nele há qualquer coisa de balsâmico, de um discreto e perfumado azeite, que impregna de gravidez e afabilidade todo o ambiente, ao mesmo tempo que “sussurra” ao fiel: “Tu já sofreste, mas terás que sofrer ainda mais. Aqui entretanto acharás um lenitivo. A vida é assim mesmo! Mas entre as paredes deste edifício encontrarás ajuda para sofrer”. A igreja, de fato, comunica também, e harmonicamente, esperanças de alívio, de ajuda e de situações que justifiquem a cristã alegria.

Da penumbra emergem imagens de rosto sério e ameno, cujo olhar socorre e protege.

À frente da nave lateral, do lado do Evangelho, encontra-se a tocante imagem do Coração de Jesus: sacral, digna, serena, compassiva, mas tristonha, em vista da ingratidão dos homens.

Na nave lateral oposta, do lado da Epístola, a alvíssima imagem de Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos – triunfante, virginal, pura, leve, bondosa, também compassiva – parece transbordante da sobrenatural harmo-

nia interior da excelsa alma da Virgem Mãe de Deus.

Assim, nessa igreja, verdadeiro escrínio de bênçãos, dir-se-ia que a graça é como uma garoa, uma finíssima neblina que se difunde, orvalhando as almas...

Uma recolhida peregrinação

Tendo Dona Lucilia ali chegado acompanhada de seu filho, percorreu em recolhida peregrinação os vários altares, embora locomovendo-se penosamente. Rezou e rezou longamente. Percebia-se que de vez em quando pedia perdão, pois batia no peito com discrição. Deteve-se em especial ante a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora.

Depois passou para a outra nave, fazendo uma profunda vénia diante do sacrário do altar-mor, onde estava o Santíssimo Sacramento, pois suas condições não permitiam ajoelhar-se, e parou demoradamente aos pés da imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Ali estava o ponto central da vida interior de Dona Lucilia. Sua alma ansiava por encontrar no Divino Redentor o termo final de seu próprio afeto, de tal forma que, se não O conhecesse, ela O procuraria. E tendo-O encontrado, logo O identificaria como sendo Aquele que procurava.

Nas longas meditações de Dona Lucilia diante da imagem do Sagrado Coração de Jesus, que simboliza tudo quanto Ele sofreu na Paixão por causa dos pecados dos homens, ela ia modelando a alma de acordo com seu Divino Mestre.

Terminado seu piedoso colóquio com Nosso Senhor, Dona Lucilia dirigiu-se ao grupo escultórico situado quase ao fim da nave lateral esquerda – do lado da Epístola –, representando o encontro do Menino Jesus no Templo entre os doutores da Lei. Havia quase cinquenta anos que ela,

diante dessa imagem do Divino Infanté, costumava pedir com insistência graças abundantes, para que seu filho enfrentasse vitoriosamente as lutas da perseverança e da santificação, como também as pugnas ideológicas contra os inimigos da Igreja.

Após saudar com o olhar outras imagens, os vitrais que tingiam com sua luz colorida as colunas da lateral esquerda e o imponente órgão ao fundo, Dona Lucilia, com a alma cheia, se retirou, apoiada no braço de seu “filhão”.

Foi uma visita de despedida e de preparação para a eternidade. Quando saíram, o sol estava emitindo seus últimos raios dourados. Horas inteiras haviam-se passado...

Reprodução



Elá vivia na atmosfera do Sagrado Coração de Jesus, transpassado de dor pelos pecados dos homens e cheio de desejo de perdoá-los

Dona Lucilia alguns anos antes de sua morte; na página anterior, Santuário do Sagrado Coração de Jesus, São Paulo

Na atmosfera do Sagrado Coração

No fundo da bondade luciliana encontramos uma identidade de espírito com o Sagrado Coração de Jesus, que a fazia manifestar aos outros a imensidão do amor de Nosso Senhor, como que dizendo: “Vê bem que não faltam razões para confiar n’Ele. Pede, porque serás atendido; as portas da misericórdia estão abertas para ti”.

À imitação do Sagrado Coração de Jesus perfurado pela lança de Longinus, sabia Dona Lucilia, com firme e compassivo afeto, insinuar a um falso a gravidade de sua má conduta. Dos lábios da imagem parece partir esta admoestaçao: “Olha o que representa todo pecado! O que fazem os homens! O mar de pecados em que a humanidade está se precipitando! Tu fazes parte da coorte dos que Me ofendem?”

Tratava-se de uma bondade que não levava ao relaxamento moral, mas a uma suma compunção e a uma perfeita compenetração. Bondade superiormente reta, virtuosa, própria do equilíbrio de uma alma católica, apostólica e romana.

Dona Lucilia vivia intensamente dentro dessa atmosfera do Sagrado Coração de Jesus, transpassado de dor pelos pecados dos homens, e cheio do desejo de perdoá-los. Como o bom discípulo em algo se parece com o Mestre, percebia-se inúmeras vezes que ela interiormente lamentava, deplorava, sofria e perdoava, em uníssono com o Sagrado Coração de Jesus. ♣

Extraído, com adaptações,
de: *Dona Lucilia*.

Città del Vaticano-São Paulo: LEV;
Lumen Sapientiae, 2013, p.605-608

¹ Via pública do Bairro Higienópolis, em São Paulo.

² Santuário do Sagrado Coração de Jesus, localizado no Bairro Campos Elíseos.

Retiros espirituais

Cooperadores dos Arautos do Evangelho e famílias amigas aproveitaram o feriado de carnaval para participarem de diversos retiros espirituais promovidos pela instituição e, assim, se preparam melhor para a Páscoa. Eucaristias, palestras, períodos de meditação e um ameno convívio fraternal marcaram esses dias.

As atividades se desenvolveram em Tocancipá, na Colômbia, em Buenos Aires e na Cidade do México, bem como nas cidades brasileiras de Mairiporã (SP), Rio de Janeiro e Campos dos Goytacazes (RJ), Maringá e Piraquara (PR), Belo Horizonte, Juiz de Fora e Montes Claros (MG).



Ronny Fisher

Lucas Caldas

Alcídio Miranda

Willian Drobot

Jesse Arce

Maria Fernanda Aguiar

Willian Drobot

Paulo Yang



Lucas Caldas



Campos dos Goytacazes (RJ)



Colômbia

Tatiane de Oliveira



Montes Claros (MG)



Juiz de Fora (MG)

Paulo Yang



Belo Horizonte



Mairiporã (SP)



México

Danièle Fiorindo



Juiz de Fora (MG)



Piraquara (PR)

Jesse Arce



Colômbia



Maringá (PR)



Argentina

Jesse Arce

Danièle Fiorindo

Penny Fisher

Willian Drobot

Pablo Vela



Fotos: Joana Chaves



1



2

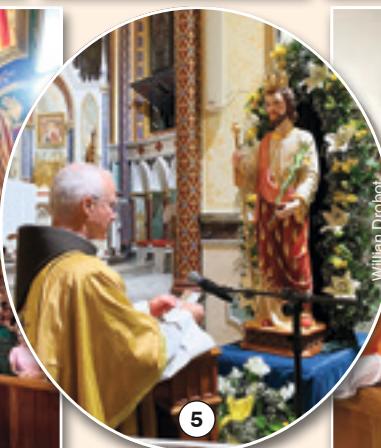


3

Ricardo Scheneider



4



5



6

Solenidade de São José – Na véspera dessa grande solenidade, os Arautos do Evangelho participaram da procissão e Missa em honra ao Santo Patriarca na Catedral Metropolitana de San José da Costa Rica (fotos 1 a 3). Já no próprio dia 19 de março, centenas de fiéis puderam se consagrar ao Esposo Virginal de Maria em San Salvador e nas cidades brasileiras de Ponta Grossa (foto 4) e Piraquara (foto 5), no Paraná, e Belo Horizonte (foto 6).

Ronny Fischer



1



2



3

Consagração a Nossa Senhora – Nos meses de fevereiro e março, novos participantes do curso oferecido pela plataforma de formação dos Arautos do Evangelho realizaram sua consagração como escravos de amor a Jesus, pelas mãos de Maria, segundo o método de São Luís Grignion de Montfort. As cerimônias tiveram lugar na Capela da Ascensão do Senhor em Pachuca (foto 1) e na Paróquia São José em Aguascalientes, no México, bem como na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe em Montreal, no Canadá (foto 3), e na Paróquia São Domingos de Gusmão em Santiago do Chile (foto 2).

Fábio Batista



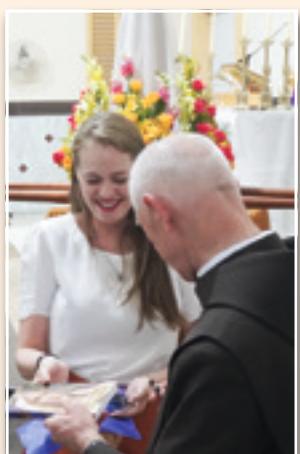
Fotos: René Garcia

Estados Unidos – No mês de março, devotos da Santíssima Virgem da cidade de Key Biscayne, Flórida, reuniram-se na Igreja de Santa Inês para prestar-Lhe uma homenagem, a qual se iniciou com a solene coroação da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria.



Fotos: Xavier Jacob

Paraguai – Fiéis da catedral metropolitana de Concepción (fotos 1 e 2) e da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Pedro Juan Caballero (foto 3), acorreram ao encontro da Santíssima Virgem para abençoadas “Tardes com Maria”, nos dias 8 e 9 de março, ocasião em que, além da coroação da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria e da celebração da Santa Missa, muitos puderam a Ela se consagrар.



Fotos: Lucas Caídas

Campos dos Goytacazes (RJ) – No dia 8 de março, mais de quinhentos devotos de Nossa Senhora reuniram-se na casa dos Arautos do Evangelho para uma “Tarde com Maria”, a qual contou com a presença do Pe. Ricardo José Basso, EP.



Como a palmeira, eles florescerão!

lifeforstock / Freepik

As palmeiras enchem pomares, ruas, praças e parques; enfeitam jardins, ornamentam casas, povoam matas... Para um olhar vulgar, não passam de vegetais sem beleza. Entretanto, elas nos oferecem profundas lições de vida espiritual.

✉ Ir. Maria Cecília Lins Brandão Veas

Gustavo Kraij



Como uma fortaleza, ergue-se frondosa a palmeira, desafian- do céus, ventos, tempestades. Nada parece detê-la em sua ascensão, nenhum fator natural pode com facilidade prostrá-la por terra. Símbolo do triunfo, da prodigalidade, da alma reta, constante, humilde, forte e vigilante, é um verdadeiro monumento, erguido não pelo engenho humano, mas pelo Divino Artífice.

Diferente das demais árvores, seu tronco se alça indiviso, comumente ereto e liso, encimado por folhas cuja inclinação lembra as águas do chafariz que se precipitam, generosas, para baixo. Ela é simples, sem adornos, a não ser as cicatrizes que folhas antigas deixam em seu estipe, como simpáticos anéis a enfeitá-la. A palmeira se apresenta assim como uma nobre dama esguia, pura, graciosa. Trata-se de uma verdadeira princesa coroada. Sua numerosa família e suas excepcionais propriedades dão margem a algumas reflexões.

Hic victor meruit palmam

Desde tempos imemoriais cresciam palmeiras em abundância nas regiões férteis da Mesopotâmia, oferecendo as tão saborosas quanto famosas tâmaras

do Oriente, que se tornaram um dos produtos básicos de sua agricultura, culinária e comércio. Tais palmeiras desenvolviam-se também no Egito, na planície costeira da Palestina e no vale do Jordão. As diversas culturas da Antiguidade adotaram-nas como símbolo de verdades transcendentes: a fecundidade, a paz, o bom êxito, o Paraíso, a vida eterna.

Na tradição romana os gladiadores, atletas e guerreiros vitoriosos eram condecorados com louros e ramos de palma. Paulatinamente a iconografia clássica escolheu a palmeira como símbolo do triunfo, sendo com frequência estampada em candeeiros de barro, brasões, bandeiras, selos, alegorias, túmulos ou medalhas.

O Papa São Dâmaso, por exemplo, louvou os mártires Proto e Jacinto com os seguintes dizeres: *"Hic victor meruit palmam prior ille coronam* – Aqui está o vencedor que mereceu a palma antes que a coroa"! De fato, os mártires primeiros são campeões na luta contra a carne e as potestades desse mundo, para depois merecerem de Cristo a recompensa e reinarem com Ele eternamente. Assim, seu numeroso exército passou a ser representado

tendo às mãos um ramo de palmeira, donde a denominação que vingou na Igreja desde tempos remotos: "Alcançou a palma do martírio".

Do Batismo ao Domingo de Ramos

A simbologia da palmeira ultrapassa em muito as casualidades e tradições quando considerada à luz da criatura mais sublime, Nossa Senhor Jesus Cristo, o Homem-Deus. Curiosamente ela marcou dois relevantes episódios da vida do Redentor.

Com luxo de detalhes, Ana Catarina Emmerick² descreve o *cadre* no qual se deu o Batismo de Jesus. No momento de descer ao Rio Jordão, Ele envolveu com a mão esquerda uma esguia palmeira carregada de frutos que se encontrava na margem, enquanto sua destra permaneceu recostada sobre seu sacratíssimo peito. Foi então que o Cordeiro Inocente e Imaculado venceu a culpa do velho Adão, submerso-a nas águas batismais.

A vitória definitiva sobre o demônio, autor do pecado, Ele a consumaria na Cruz. Antes de ser entregue à morte, Jesus entrou em Jerusalém, onde foi aclamado pela numerosa multidão; uns estendiam seus mantos, outros

cortavam ramos de palmeira e os espalhavam pelo caminho (cf. Mt 21, 8-11). Apesar do abismo de humilhação a que em breve Se sujeitaria, quis o Redentor marcar com o tom de triunfo o início de sua Paixão, para afiançar em seus discípulos a certeza da Ressurreição.

Nosso Senhor é, pois, o *victor Rex* contra o demônio, o pecado e a morte. Por isso os fiéis cantam em uníssono com a Igreja, na sequência da Missa de Páscoa: “O Rei da vida, morto, reina vivo”. E o Beato Fra Angélico fez deslizar com destreza o pincel sobre a tela, representando o Cristo ressurreto portando a bandeira e o ramo da vitória.

Uma profunda lição de constância

Por outro lado, a palmeira parece uma planta calculada para suportar tormentas. Sua folhagem esparsa não retém a água da chuva e permite a passagem dos ventos, o que a torna leve e ao mesmo tempo resistente. Por isso São Francisco de Sales³ vê a constância como uma das propriedades desse vegetal: ela não se rende, não tomba nem se abate, por maior que seja a carga que se lhe ponha; seu tronco não se esgueira pelo chão, mas sobe destemido, atraído pelas alturas. E ainda quando açoitadas pelo vento – ponderava certa vez Dr. Plínio Corrêa de Oliveira – as palmeiras não perdem sua aparência alta: “Flectem com elegância, como uma grande dama faria uma reverência. Elas opõem ao vento uma resistência, como a lhe dizer: ‘Tu queres me derrubar? Eu ficarei mais graciosa!’”⁴

Surpreendentemente suas raízes não são profundas, mas espalham-se em raios ao seu redor. É como se da terra ela procurasse apenas um apoio para subir às altas regiões, ensinando aos homens que neste mundo não há morada permanente; caminham como estrangeiros e peregrinos longe do Senhor, rumo à pátria celeste (cf. Hb 11, 13.16), prêmio que espera aqueles que forem perseverantes até o fim: “É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação” (Lc 21, 19).

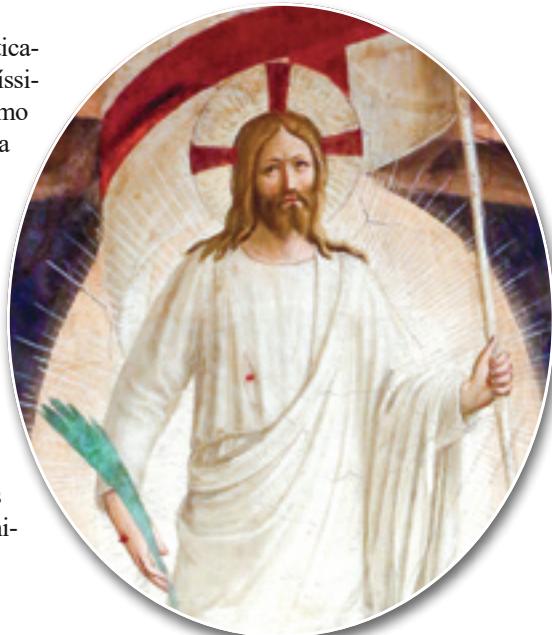
Constância, eis uma virtude praticada em grau máximo por Maria Santíssima! A piedade católica A honra como “a palma da paciência” ou a “palma constante”, no Pequeno Ofício da Imaculada Conceição. A Ela, mais do que a qualquer outra criatura, cabe o elogio do Livro Sagrado: “Cresci alto como a palmeira de Cades” (Eclo 24, 18). São João Eudes⁵ explica que tais louvores designam a força e a paciência que Nossa Senhora demonstrou ao ser sacudida pelos ventos do infortúnio, bem como as vitórias notáveis que conquistou contra os inimigos de nossa salvação.

Como guerreiros do Altíssimo

Os ramos da palmeira brotam de seu interior como lanças que, a seu tempo, desabrocham em milhares de pequenas espadas... eis sua folhagem! A planta “mostra o seu valor em as suas folhas serem feitas como espadas”.⁶ De fato, num vasto reino como o das palmáceas, não poderia faltar a representação da guerra. A palmeira imperial, especialmente, tem uma imponência bílica, e de sua figura houve quem tecesse um quase forçoso elogio: “Numa beleza esplêndida que aterra, / Passas desencadeando um ar de guerra”.⁷

Há palmeiras que se assemelham a guerreiros sempre em seu posto de guarda, vigilantes contra o adversário, tendo a espada desembainhada, na inalterável posição de apresentar armas a seu Criador, o Senhor Deus dos Exércitos. Paradoxalmente estes mesmos ramos inclinam-se com charme, conjugando a combatividade à bondade, a radicalidade à compaixão.

Trata-se de um símbolo da grandeza que deve caracterizar a alma virtuosa, seja de um prelado, um rei, um pai de família ou um religioso, pois a alta dignidade que seu estado lhes confere, longe de repelir o pequeno, como que o convida: “Vem habitar também nestas alturas! Aqui o ar é mais puro, mais completa e magnífica a visão.



Reprodução

Imagem da alma reta, constante, humilde, forte e vigilante, a palmeira é um monumento erguido pelo Divino Artífice e símbolo de seu triunfo

Detalhe de “Ressurreição de Cristo”, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença (Itália); na página anterior, em destaque, palmeira imperial

Um dia fui igual a ti; vem para o alto, vem ser igual ou superior a mim. Juntos louvemos a Deus!”

É com essa grandeza mimoso que a Providência Divina orna suas criaturas.

Frutificando sob o véu da humildade

“Ainda que a palmeira seja a princesa das árvores, é, contudo, a mais humilde, do que dá provas escondendo as suas flores”⁸ em grandes invólucros, chamados espatas. Este elemento constitui uma interessante estratégia: conserva os frutos protegidos contra as intempéries, expondo-os apenas quando já maduros.

De modo análogo, “somente a humildade sabe com simplicidade fazer em público o que deve aparecer, e em segredo o que deve permanecer oculto”.⁹ Quem é verdadeiramente humilde reconhece os próprios talentos, os dons naturais e sobrenaturais recebidos, mas não se jacta esperando ser



visto e louvado pelos homens; sabe que nada possui que não tenha recebido (cf. I Cor 4, 7).

“A palmeira não deixa ver as suas flores enquanto o ardor veemente do sol não vem fazer-lhes abrir as vagens, estojos ou bolsas onde estão fechadas, depois do que o fruto aparecerá de repente. O mesmo faz a alma justa: conserva escondidas as suas flores, isto é, as suas virtudes, sob o véu da santíssima humildade até à morte, hora em que Nossa Senhor as faz desabrochar e as patenteia, pois os frutos não tardam em aparecer”.¹⁰

Interessante é notar que as palmeiras fecundam onde são plantadas, adaptando-se com facilidade ao clima e ao solo. Elas enchem o globo terrestre, numa multiplicidade admirável de

mais de duas mil e seiscentas espécies. Trata-se de uma das plantas mais valiosas ao homem, pois delas quase tudo se aproveita: raízes, tronco, palmito, folhas, cachos frutíferos...

Lembremos, por exemplo, a nutritiva e terapêutica água de coco, usada pela medicina popular com comprovada eficácia, e a polpa, com a qual se fabricam doces, sorvetes, cremes, geleias, sucos, vinhos, licores... Outras palmeiras valem pela semente de seus frutos, donde se extraem óleos ricos em vitaminas e úteis até para a indústria. As folhas são usadas na cobertura de casas; as fibras, na arte de tecer chapéus, sacolas, cestos, cordas, redes, enfim, uma infinidade de artefatos. De sua madeira, leve e fácil de trabalhar, se produzem milhares de objetos e utensílios.

Florescerão e se multiplicarão como a palmeira

Parece muito a propósito que no formulário da Missa do Comum dos Santos uma das opções para a antífona de entrada seja recolhida do Salmo: “Como a palmeira, florescerão os justos, [...] plantados na casa do Senhor, nos átrios de nosso Deus hão de florir. Até na velhice eles darão frutos, continuarão cheios de seiva e verdejantes” (91, 13-15).

O que seria da humanidade sem a existência dos Santos, que a elevam? Tempo houve em que não se encontrava recanto algum despojado da unção de um homem probo ou dama virtuosa; eles enchiham os claustros, os presbitérios, os castelos e palácios, as casas, as cidades, os países.

Ora, os Santos não marcaram apenas as páginas de uma passada e remota História. Eles hão de surgir com tanto maior esplendor quanto mais necessitado estiver o mundo, e quiçá, em louvor daqueles que virão nos últimos tempos, um poeta do futuro possa cantar: “Floresceram e se multiplicaram os justos por todo o orbe da terra, ultrapassaram de longe o número das palmeiras, e em todas as propriedades as excederam!”

Então se cumprirá o anúncio de São João Evangelista consignado no Apocalipse: “Vi uma grande multidão que ninguém podia contar, de toda nação, tribo, povo e língua: conservavam-se em pé diante do trono e diante do Cordeiro, de vestes brancas e palmas na mão” (7, 9). Carregarão o ramo da vitória e serão eles mesmos o troféu do Deus vencedor! ♣

Reprodução



Os justos florescerão e se multiplicarão sobre a terra, carregarão o ramo da vitória e serão eles mesmos o troféu do Deus vencedor!

Detalhe de “Adoração do Cordeiro Místico”, por Hubert van Eyck - Catedral de São Bavão, Gante (Bélgica)

¹ JOSI, Enrico. Palma. In: PASCHINI, Pio (Dir.). *Encyclopédia Cattolica*. Firenze: Sansoni, 1952, v.IX, p.650.

² BEATA ANA CATARINA EMMERICK. *Visiones y Relaciones Completas*. Buenos Aires: Guadalupe, 1952, t.II, p.408, 412-413.

³ Cf. SÃO FRANCISCO DE SALES. *Palestras íntimas*. Campinas: Ecclesiæ, 2018, p.310.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 12/10/1990.

⁵ Cf. SÃO JOÃO EUDES. *L'enfance admirable de la Très*

Sainte Mère de Dieu. In: *Œuvres Complètes*. Vannes: Lafoye Frères, 1907, t.V, p.165.

⁶ SÃO FRANCISCO DE SALES, op. cit., p.310.

⁷ BILAC, Olavo. Palmeira imperial. In: *Obra reunida*. São Paulo: Nova Aguilar, 1996, p.279.

⁸ SÃO FRANCISCO DE SALES, op. cit., p.305.

⁹ TISSOT, Joseph. *La vida interior*. 19.ed. Barcelona: Herder, 2003, p.425-426.

¹⁰ SÃO FRANCISCO DE SALES, op. cit., p.306.

...que as “Missas gregorianas” são celebradas pelos falecidos?

Por ocasião do falecimento de umente querido, com frequência escutamos o comentário: “Ao menos não sofre mais...” Contudo, a expressão denota uma visão incompleta das realidades sobrenaturais. Não é verdade que o falecido pode estar padecendo dores incomparavelmente maiores no Purgatório e precisando de nosso auxílio?

Como mãe extremosa, a Santa Igreja sempre recomendou a seus filhos aplicarem os frutos da Santa Missa pelos defuntos. Assim, desde tempos remotos os fiéis costumam solicitar a celebração de Eucaristias em sufrágio da alma dos falecidos, a fim de apresentar sua libertação das chamas purificadoras. Tal costume se intensificou após um fato ocorrido com o Papa São Gregório Magno (cf. *Diálogos*. L.IV, c.57, n.8-17) no século VI, o qual deu origem a uma prática peculiar na Igreja, que perdura até hoje.

Certo monge de nome Justo, vendo chegar o fim de seus dias confidenciou a seu irmão, médico que o assistia, possuir três moedas de ouro entre



O Purgatório - Santuário de Nossa Senhora de La Salette (França)

seus pertences, coisa absolutamente proibida pela regra. Ao saber disso, São Gregório ordenou repreender com

severidade o moribundo, para que se arrependesse, e determinou, como reparação pública e para a edificação de toda a comunidade, que seu corpo não seria enterrado no cemitério do mosteiro. Além disso, deveriam ser pronunciadas sobre sua sepultura as palavras de São Pedro: “Que o teu dinheiro pereça contigo” (At 8, 20).

Trinta dias após a morte de Justo, São Gregório teve compaixão do defunto e, pensando com grande dor nos suplicios que pudesse estar sofrendo, ordenou ao prior do mosteiro que celebrasse o Santo Sacrificio diariamente pelo descanso eterno do faltoso. Ao cabo de um mês, Justo apareceu a seu irmão e lhe revelou ter sido libertado do Purgatório graças à “Hóstia salvadora”.

A confiança na eficácia do Santo Sacrificio deu origem à tradição de mandar celebrar trinta Missas consecutivas por um falecido. Embora essas Missas não possuam atualmente formulário próprio, o costume se estende até os nossos dias com o nome de *Missas gregorianas*. ♣

...que o brasão de Portugal foi dado por Jesus Cristo?

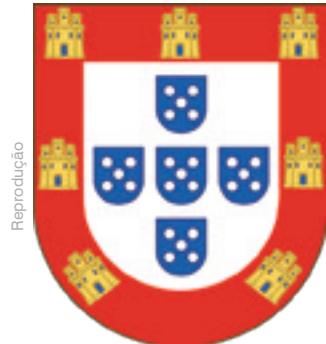
Era a noite de 24 de julho de 1139. Afonso Henriques, que seria o primeiro rei de Portugal, tinha diante de seu acampamento cinco monarcas mouros com seus respectivos exérci-

tos. Enquanto suplicava a ajuda divina, uma forte luz ofuscou seus olhos e ele pôde divisar a figura de Jesus crucificado.

O “Fundador e Destruidor de Impérios” – como Se denominou Cristo na visão – aparecia para anunciar-lhe a vitória, não só naquela batalha, como também em todas as outras que o príncipe travaria. Mais ainda: vinha para fundar um reino que pregaria seu Nome em regiões longínquas. E a fim de marcar para sempre a nova nação, o Redentor acrescentou: “Comprarás as tuas armas do preço com que comprei o gênero humano, o daquele porque fui comprado dos judeus e ficará este reino santificado”.

Tendo alcançado a impossível vitória sobre seus inimigos, Afonso Henriques formou o brasão de armas de seu povo segundo as ordens do Senhor: cinco quinas azuis em cruz – em memória das cinco chagas de Cristo e dos cinco reis mouros derrotados –, cada qual contendo cinco besantes de prata que, contando duas vezes os da quina do meio, recordam os trinta dinheiros pelos quais Judas vendeu Jesus.

E assim se perpetua o símbolo de Portugal, tão bem descrito por Camões em *Os Lusíadas*: “Vêde-O no vosso escudo, que presente / Vos amostra a vitória já passada, / Na qual vos deu por armas, e deixou / As que Ele para Si na Cruz tomou” (Canto I, 7). ♣



Brasão de armas de Portugal

Reprodução

Moral... manipulada?

Comportamentos corriqueiros, aos quais muitas vezes não damos a menor importância, podem ter profunda influência na formação de nossa mentalidade...



⇒ Pe. Louis Goyard, EP

No mundo de ontem, acostumamo-nos ao fato de os computadores paulatinamente lograrem imitar tudo quanto possuímos: copiaram nossa lógica, ganharam mais memória, multiplicaram sua capacidade de processamento no lugar da nossa inteligência; adquiriram câmeras no lugar de olhos, microfones no lugar de ouvidos, alto-falantes no lugar de boca... Dir-se-ia que o homem serviu de modelo para muitas invenções técnicas e que, por sua vez, os técnicos também procuraram reproduzir pela informática quase todas as atividades humanas.

Aos poucos a informática – que fora inicialmente um luxo esotérico e caríssimo, reservado a poucos – passou a ser algo importante, depois comum e, por fim, indissociável do agir humano. Hoje nada mais fazemos sem ela, e talvez já nem saibamos viver sem ela; tornou-se uma extensão do nosso ser.

Primeiro chamado de “animal racional”, o homem foi sucessivamente considerado um “animal político”, um “animal livre”... e agora é um “animal digital”. Resta saber se ainda continua mesmo animal. Com efeito, nesta “evolução” deu-se uma inversão.

Ao contrário do que ocorria nas épocas antigas, já não somos nós – en-

quanto sociedade – que conduzimos a tecnologia. Durante algum tempo, essa condução ainda esteve a cargo de uma “elite” de lunáticos, os quais se comunicavam numa linguagem que só eles entendiam. Atualmente, entretanto, nos encontramos na iminência de a tecnologia tomar, pela inteligência artificial, seu desenvolvimento nas próprias “mãos”.

Enquanto isso acontece, nossa psicologia vai – meio obrigatoricamente, embora, às vezes, ainda insensivelmente – amoldando-se à influência que sobre nós exerce o universo digital. Este nos modela tanto – não apenas nossos atos, mas até os misteriosos mecanismos da psicologia que regem nossa forma de julgar ou reagir, isto é, a nossa mentalidade – que o mundo real começa a se ressentir.

Consideremos um ponto, a modo de exemplo...

Sempre que, estando no computador, você faz algo errado, instintivamente procura apertar Ctrl+Z – ou Command+Z –, não é mesmo?

Apagou por engano um parágrafo de seu trabalho? Ctrl+Z.

Fez sem querer uma mancha na imagem que retocava? Ctrl+Z.

Inverteu a posição, alterou o formato, mudou a cor?... Ctrl+Z.

Esbarrou com a xícara de café no mouse ou no touchpad e aconteceu um desastre? Ctrl+Z.

Apertou uma tecla, nem sabe bem qual, e quer simplesmente “desfazer” o que fez, sem se importar muito como? Ctrl+Z.

O Ctrl+Z é muitas vezes nossa salvação. Sempre funciona. Nunca – ou quase nunca – fazemos algo que não possa ser desfeito com esse simples toque. Parece uma máquina do tempo, que nos permite voltar à segurança do passado, como se sequer tivéssemos esbarrado no susto do presente. O Ctrl+Z é mágico; é quase um deus.

Ele só apresenta um inconveniente: como outras tantas coisas, essas teclas prodigiosas trabalham nossa psicologia. A repetição tende a criar hábitos. Por outro lado, quando nosso cérebro encontra uma solução, tende a aplicá-la a outros âmbitos, por analogia. Hábitos e analogias, somados, acabam dando certa conotação de absoluto, mesmo subconscientemente, a algumas soluções muito utilizadas.

E aqui temos problemas. Na nossa vida real – vivida em carne, osso e alma – não há máquina de tempo nem Ctrl+Z. Nossos atos são irremediáveis, definitivos. Uma jarra quebrada

pode ser colada, o leite derramado pode ser substituído, um insulto pode ser perdoado e reparado; mas o fato concreto não pode ser desfeito nem anulado.

Apesar disso, o uso indiscriminado dos meios digitais parece estar criando uma “geração Ctrl+Z”: pessoas com uma mentalidade deformada, cada vez mais irresponsáveis. Expõem-se a riscos absurdos – como tirar perigosíssimas *selfies* em lugares impossíveis –, não medem as consequências de seus atos, tomam atitudes aberrantes, quase como se não tivessem instinto de conservação. Gastam, roubam, matam, comportam-se mal... e depois levam um susto tremendo quando se encontram em face das penas da lei.

E esta foi a inversão havida: primeiro modelamos a tecnologia, mas agora estamos sendo modelados por ela.

Ora, assim como não existe Ctrl+Z na vida real, menos ainda ele existe na vida moral. Podemos, sem dúvida, esforçar-nos por voltar atrás num mau caminho encetado, podemos até superar por completo os efeitos deletérios deste erro; entretanto, nunca mudaremos a História, a qual registrou aquele desvio que gostaríamos de ter evitado. O próprio Sacramento da Confissão perdoa a culpa do pecado, mas não

torna o ato “não acontecido”: se matei alguém, ele não voltará à vida.

Assim, o pecado existe, a virtude também; ambos estão ao nosso alcance, mas a decisão é uma só, e ela pode ser errada. Cada decisão, como todo ato de vontade livre, será julgada por Deus, que premiará a virtude e punirá o vício. E, diante do augusto Juízo do Altíssimo, não há Ctrl+Z. ♦



Freepik



DC Studio / Freepik



Francisco Lecaros

Canal eficaz da ação do Espírito Santo

No episódio da Visitação, podemos contemplar a Santíssima Virgem por um ângulo pouco conhecido e amado, embora de capital importância para se compreender a missão de nossa Rainha Celestial: enquanto Esposa mística do Espírito Santo. A esse título Nossa Senhora brillará nos séculos futuros por sua capacidade de mudar as almas com uma eficácia superior a qualquer expectativa.

No encontro com Santa Isabel, levanta-se uma ponta de véu a respeito do papel de Maria na santificação da Igreja, por ser Ela como que um só espírito com o Consolador Divino, em virtude do vínculo esponsalício de natureza mística que se estabeleceu entre ambos a partir da Anunciação.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP